

Sumário dos Ecos de outubro-novembro de 2007

Vida espiritual

- 298 Pista para o retiro espiritual: “A linguagem das parábolas”
Padre Javier Alvarez, Diretor geral

Desafios atuais

- 305 A universalidade da pessoa (continuação)
Professor Henri Joyeux

Atualidade das Províncias

Nomeações

- 324 Nomeações de Visitadoras e Diretores Provinciais

Visita dos Superiores

- 327 Mère Evelyne Franc e Irmã Marlene Rosa, Conselheira geral:
Visita da Província de Portugal
Irmã Isabel Silva Alves, Correspondente dos Ecos
- 330 Mère Evelyne Franc e Irmã Mariarosa Camminatti, Conselheira geral:
Visita da Província de Nápoles
Irmã Cecilia Di Giuseppe, Correspondente dos Ecos

Testemunho das Irmãs

- 333 Província de Belo Horizonte: Enviada em missão em Cabaça
(Estado de Minas Gerais - Brasil)
Irmã Heloísa Helena, Filha da Caridade
- 336 Província de Curitiba: 80 anos do Seminário de Curitiba
Equipe de formação do Seminário
- 339 Província de Fortaleza: 17º Encontro dos Conselhos
Interprovinciais do Brasil e encerramento do Ano jubilar da Província de Fortaleza
Irmã Dijesu Pinto, Correspondente dos Ecos
- 342 Províncias da Itália: Sessão de formação das Irmãs jovens
Irmã Annamaria Corallo, Filha da Caridade

Palavra das pobres

- 345 Província do Japão: O piscar de olhos de Hiyo

Irmã Mary Louise Osé, Filha da Caridade

Beatificação de Irmã Lindalva, em 2 de dezembro de 2007

- 346 Beatificação de Irmã Lindalva em 2 de dezembro de 2007
Província de Recife, Brasil

História da Companhia

Especial do Centenário de nascimento de Mère Guillemin

- 348 Mère Suzanne Guillemin, Filha de Deus, Filha da Igreja, Superiora geral da Companhia
V – Mère Guillemin e o Concílio Vaticano II (continuação)
Irmã Claire Herrmann, Serviço dos Arquivos

PADRE J. ALVAREZ, DIRETOR GERAL

Pista para o Retiro Mensal

“Profecia e esperança, agora e por toda parte”

“A LINGUAGEM DAS PARÁBOLAS”

Para este Retiro ofereço-lhes uma outra abordagem do tema das próximas Assembléias a partir das parábolas do Evangelho. A relação que existe entre o profetismo e a parábola é bem clara: os profetas utilizavam uma linguagem parabólica na transmissão de sua mensagem. Inclusive, alguns profetas fizeram de sua vida uma parábola, como por exemplo, o profeta Oséias. Como sempre, Jesus é o exemplo máximo do que estamos dizendo. Ele anunciou o Reino por meio de parábolas, adaptando-se ao modo de pensar das pessoas de seu tempo. Com efeito, uma parábola é uma história ou uma comparação simples que tem por objetivo facilitar o conhecimento de uma outra realidade muito mais importante, nesse caso, trata-se do Reino de Deus. As parábolas evangélicas são lidas com prazer e sua mensagem é sempre agradável, muito mais do que uma boa sinfonia clássica. Elas são sempre atuais. A parábola do semeador, por exemplo, nos faz compreender, calmamente, que nós somos responsáveis de fazer germinar a palavra escutada e acolhida (cf. Mt 13, 1-23). Certamente, Jesus viu sempre os homens de sua cidade fazerem este trabalho depois da estação chuvosa! Praticamente todas as parábolas partem da realidade, quer seja da natureza, situações humanas ou do contexto palestinese. É aí que está a diferença entre as parábolas e as fábulas. As fábulas podem ser muito cativadoras, mas não são reais, e sempre se desenvolvem num mundo de sonhos e de ficção.

As parábolas de Jesus são belas e bem sugestivas, isto é, elas estão realmente longe dos tratados filosóficos que buscam a verdade através de raciocínios e de deduções lógicas, mais ou menos abstratas. A história do Filho Pródigo, por exemplo, é um enredo cheio de fantasia, de imaginação, de sentimentos, mas ao mesmo tempo transmite muito realismo (cf. Lc 10, 25-37). Em outras palavras, ela tem um grande poder de evocação e, apesar de todos os detalhes, deixa clara a misericórdia de Deus. Quem interioriza seu conteúdo, sem dúvida alguma experimentará a alegria e a paz, pois sentirá de perto a misericórdia e o perdão de Deus.

As parábolas interpelam tanto o ouvinte quanto o leitor, os contemporâneos de Jesus e os de nossa época. Elas não são pequenos contos para distrair as pessoas. Elas questionam. As parábolas ilustram, denunciam, alegram, despertam... Isto é, elas não deixam as pessoas indiferentes, elas as envolvem, colocam o ouvinte no desenvolvimento da cena e da mensagem que elas contém. A parábola dos vinhateiros perversos é um exemplo bem claro do que acabamos de dizer (cf. Mc 12, 1-12; Mt 21, 33-46). Jesus foi condenado não porque contava histórias, mas porque Ele falava em parábolas.

A partir desta primeira reflexão, podemos perguntar-nos em que sentido a vocação vicentina é uma parábola? Ela é uma parábola quando representa o Jesus histórico, aquele dos Evangelhos. São Vicente repetia com muita convicção às Filhas da Caridade que sua vocação consistia em fazer o mesmo que Jesus Cristo fez sobre a terra (cf. C. 8 b). Enquanto homem, Jesus Cristo desapareceu porque sua existência estava sujeita às coordenadas espaços-temporais, como a de qualquer ser humano. Pois bem, Jesus Cristo se perpetua por sua Igreja, através dos carismas e das pessoas. Portanto, quem olha para um vicentino deve ver o Jesus que cura, que consola, que cuida dos doentes, dos abandonados, dos excluídos...

Uma Filha da Caridade que serve os pobres é uma parábola viva. Ela interpela com a linguagem que mais impressiona os nossos contemporâneos. Nela, nós podemos apreciar as características que temos visto nas parábolas que Jesus pronunciou. Estas partem da realidade; e as Filhas da Caridade foram fundadas para trabalhar na realidade cotidiana. O claustro das Filhas da Caridade é as ruas da cidade, isto é, a vida. A parábola vicentina nasce da convivência com o ser humano, da vida, da realidade, dos grandes problemas que a humanidade tem. A parábola vicentina nasce nos hospitais, nas residências de idosos, nos colégios, entre os diferentes e variados grupos de excluídos.

A vida vicentina é bela e atraente, não porque é mais fácil do que as outras, mas porque os diferentes elementos que a compõem são belos: Deus como absoluto dá um sentido à vida; há um ideal de fraternidade que deve ser vivido nas comunidades. E o terceiro elemento é uma vida toda doada ao serviço para comunicá-la aos outros, é um ideal de paternidade-maternidade que faz a vocação produzir frutos. Vimos também que uma parábola estimula e interpela. Ela não se impõe com a força e o caráter obrigatório de uma proibição ou de uma ordem. A parábola é como um refrão constante que desperta as consciências para a escuta. E o faz de uma maneira suave e firme ao mesmo tempo. Uma Filha da Caridade em seu serviço entre os pobres, que age com as virtudes próprias de seu espírito interpela muito mais do que os grandes discursos carregados de razões teológicas profundas. Há 30 anos, Paulo VI já dizia que: *“O homem contemporâneo escuta muito mais as testemunhas do que os mestres”*.

Se considerarmos o tema das próximas Assembléias, nós podemos interpretar que a Companhia lança um apelo à todas as Irmãs e à todas as Comunidades para que suas vidas sejam como uma parábola ou uma profecia, de acordo com as exigências da vocação vicentina na Igreja. Há três princípios sem os quais não podemos responder a esta vocação, tanto no plano pessoal quanto no comunitário, para que ela seja realmente profética. São três metáforas que tomo emprestadas da literatura que fala de uma forma parabólica da vida consagrada:

1. O princípio “deserto”

Na Sagrada Escritura vemos como os profetas sempre iam ao deserto para lá encontrar-se com Deus e perceber com clareza e profundidade a mensagem que depois, eles deviam comunicar aos seus contemporâneos. Antes de começar sua vida pública, Jesus se retirou ao deserto (cf. Lc. 4, 1-13). Lá, a experiência de Deus é mais fácil. Mas, vai-se ao deserto para responder a um apelo interior, a lei nunca exige isto, ao contrário, para a lei este lugar é maldito, e enviar alguém ao deserto é um castigo e não uma ocasião de encontrar Deus.

Podemos considerar o deserto como a oração profunda na qual a pessoa encontra Deus, é a formação que dá razões de servir os pobres e de viver em comunidade. O deserto cultiva em nós a “mística vicentina” e, sem esta, nós não podemos ser profetas, no máximo seremos um (a) ativista. “Os Fundadores lembram às Filhas da Caridade que elas não podem subsistir se não fizerem oração” (C. 21 b). A oração, o silêncio, o deserto e a formação são as raízes da árvore, o alicerce da casa, o motor do carro. O artigo das Constituições que acabamos de citar fala de “subsistência” ao referir-se à oração, é bem mais forte do que uma “necessidade” de oração. É uma questão de vida ou de morte, sobretudo, em nosso tempo caracterizado pelas culturas meramente horizontalistas que tendem a ignorar qualquer realidade que ultrapasse os sentidos.

Se estamos convictos da importância deste primeiro princípio para que nossa vida seja como uma parábola ou uma profecia será necessário estar atento aos aspectos a seguir, por exemplo: a jornada de serviço deverá ser razoável e equilibrada. O capítulo II das Constituições está organizado de acordo com este esquema: *“Doadas a Deus”...*, *“Em comunidade”...*, *“Para o serviço de Cristo nos pobres”* (cf. C. 7-15). Sabemos que quando estas três dimensões (vida espiritual, apostólica e comunidade fraterna para a missão) não são vividas de uma maneira

harmoniosa, isto acarretará sérias consequências sobre a nossa maneira de viver a vocação vicentina.

O princípio do deserto nos alerta contra o possível perigo de um apego excessivo ao computador (Internet), à televisão, ao telefone celular... Neste aspecto as Constituições também fazem uma relação (cf. E. 24). “Destronar” afetivamente estes meios (e em alguns casos também efetivamente), nos ajudará a considerá-los pelo que eles são: meios úteis ao serviço de nossa vida, mas nunca objetivos. Se os meios se transformam em objetivos, facilmente os sacralizamos. Por outro lado, todos estes meios modernos de comunicação trouxeram para nossas casas muito ruído. Estar consciente disto, já é muito. Mas, não é tudo, pois, os profetas precisam de verdadeiros espaços de silêncio para se revigorarem. É possível viver este princípio “deserto” no meio de um barulho constante? São Vicente nos falava do “grande silêncio” como um tempo de rearmamento interior, de busca de um equilíbrio psicológico e espiritual necessário. Seria muito bom que, na elaboração do Projeto comunitário, fosse dedicado algum momento para refletir sobre esta realidade e se reservasse tempos de silêncio, se ainda não o fizemos. Isto pode ser uma nova versão do “grande silêncio” vicentino¹.

Finalmente, o princípio “deserto” pode nos convidar a revisar a profundidade de nossa oração e, mais concretamente, a oração de meditação. Esta se baseia na Palavra de Deus e na doutrina dos Fundadores? Será necessário evitar o perigo do consumismo espiritual que impulsiona na busca de novidades e termina ocultando, com uma variedade de ofertas atraentes, o que constitui os pilares insubstituíveis de nossa vocação. A prova da meditação profunda está em sua capacidade de transformar a pessoa por dentro: cabeça, mãos, coração. A cabeça, porque acolhe os critérios e os valores evangélicos que não são os do mundo. O coração, porque o amor aos pobres, às Irmãs e a Deus vai crescendo. As mãos, porque o amor autêntico expressa-se pelas obras de serviço e de evangelização. Somente esta profunda oração leva ao profetismo. Nunca devemos depreciar a oração de “manutenção”, mas certamente esta não foi a oração dos profetas, menos ainda a de Jesus, nem a de Vicente e nem a de Luísa.

2. O princípio “periferia”

A periferia é o símbolo do lugar onde o pobre habita. Há muitas maneiras de entrar em contato com a periferia. Uma delas consiste em reconhecer que Cristo está no pobre, de acordo com a identificação que Jesus faz no Capítulo 25 de São Mateus. Após esta primeira etapa, o reconhecimento efetivo deve nos conduzir a agir. Uma outra maneira consiste em trabalhar com eles numa obra de assistência ou de promoção. Buscar os meios de mudar as estruturas injustas pode ser uma forma excelente para chegar à periferia. Todas elas têm como denominador comum: um compromisso de fé na vida concreta dos mais desfavorecidos. A periferia é a melhor garantia contra qualquer espiritualidade falsa. *“De que adianta, irmãos, a alguém dizer que tem fé, se não tiver obras? Acaso esta fé poderá salvá-lo?”*, pergunta São Tiago. Mais adiante, ele mesmo esclarece a relação entre a fé e as obras: estas são a prova da fé (*Mostra-me a tua fé sem obras e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras*) (cf. Tiago 2, 14-18).

As Filhas da Caridade foram fundadas para viver e trabalhar na periferia. Tive muitas oportunidades de testemunhar como a Companhia oferece ao mundo belas comunidades-parábolas de caridade em lugares tão pobres como o bairro mais marginalizado de Jacarta, as aldeias perdidas no norte de Moçambique, as favelas nas grandes cidades do Brasil ou o trabalho com as famílias rurais da América Latina... Talvez hoje, sejam estas “comunidades inseridas” as que têm maior força profética e, portanto, maior capacidade para evangelizar a partir dos pobres, motivadas pela força do Evangelho e por uma mística livre de qualquer ideologia. É possível que o futuro da Companhia dependa de sua capacidade de colocar em prática as boas intenções e as opções teóricas em favor dos pobres. Há uma constante na história da Companhia, é que esta sempre encontrou sua renovação junto dos pobres e continuará experimentando isto na medida em que viva na periferia e pela periferia. Muitas Províncias da Companhia estão preocupadas em revisar bem suas obras. É uma preocupação boa, se quiserem que estas obras estejam bem

penetradas do espírito vicentino. Deste modo, a capacidade profética da Comunidade local, da Província e da Companhia crescerá.

Depois de tudo o que já dissemos até aqui, é preciso também acrescentar um ponto que nós não devemos negligenciar: nossa vida não poderá ser uma parábola na periferia se ela manifesta tristeza, desânimo e falta de vigor. Por sua própria natureza, o profetismo requer alegria, sobretudo, em lugares periféricos onde frequentemente reina a falta de esperança. *“Alegrai-vos no Senhor; repito alegrai-vos”* (Fil. 4, 4). Além disso, não esqueçamos que a verdadeira alegria não provém de circunstâncias exteriores, que mudam frequentemente, mas do interior da pessoa, de seu enraizamento em Jesus Cristo, de sua identificação à vocação recebida. Na prática, a alegria, a felicidade se traduzem pela serenidade diante das dificuldades que se apresentam (na periferia, os problemas nunca faltam), sentir-se bem, apesar das limitações e das contradições, pela capacidade de semear a esperança e alegria entre os pobres... Por outro lado, a alegria, a verdadeira alegria, é sempre comunicativa. Se não há alegria, facilmente se cai na rotina, no profissionalismo ou no ativismo sem alma. Talvez hoje, a serenidade, a paz e a felicidade sejam uma das melhores coisas que podem acompanhar nosso serviço dos pobres. Uma Filha da Caridade poderá viver na periferia se ela não tem moral, se é triste, céptica? Como tornar realidade as recomendações de São Paulo aos Filipenses: *“Alegrai-vos sempre no Senhor; repito, alegrai-vos”* (Fil. 4, 4. 7).

3. O princípio “fronteira”

Certamente, todos nós temos a experiência de ter estado, em algum momento, na fronteira entre dois países. Trata-se de um lugar especial com conotações diferentes. Com efeito, para alguns, a fronteira significa entrar num país desconhecido e descobrir suas características, o modo de vida de seus habitantes, os lugares e os monumentos mais representativos... Para outros, a fronteira é um lugar de contrabando. Tampouco faltam os nostálgicos que na última hora experimentam a tentação de voltar ao seu país de origem porque, na realidade, estão convictos de que no novo, eles não encontrarão nada de interessante. A fronteira convida a olhar o futuro com esperança, ter os olhos abertos para descobrir novas maneiras de viver, em meio aos perigos próprios da vida.

Por conseguinte, ir à fronteira supõe uma atitude de busca constante e de criatividade. Os profetas foram exemplo disto. Na realidade, eles foram obrigados a fazê-lo para poder interpelar seus contemporâneos. Estar na fronteira é ser criativos para interpelar, suscitar as questões, mas sempre com o testemunho de vida, porque não se trata de fazer teatro, mas de testemunhar pela sua própria vida. Não esqueçamos que os profetas ratificaram com sua vida o que comunicaram com suas palavras. Em que nós devemos ser criativos, hoje? Em nossa maneira de pensar e de agir. Na maneira de pensar porque a inculturação do carisma vicentino deve ser um trabalho constante que requer a colaboração de todos (cf. C. 2d). A reflexão habitual sobre a vida e o serviço que nós realizamos deve servir para alimentar nossas próprias convicções e apresentar, de uma nova forma, nossa vocação de serviço na Igreja. Hoje mais do que nunca, a evangelização precisa de momentos de reflexão para observar como se evangeliza a partir das obras e como se pode melhorar esta transmissão da mensagem de Jesus. A criatividade deve ser sentida também na ação, no serviço, para descobrir as novas formas de pobreza que exigem o serviço da Companhia ou então estas são as pobreza de sempre que exigem novas formas de presença e de serviço.

Sem este princípio dinâmico, a vocação perde seu frescor e corre-se o risco de cair na monotonia dos caminhos sempre percorridos da mesma maneira. Quando chegamos a compreender que diariamente, é preciso dispor-se a descobrir os planos de Deus, então a vocação é percebida como uma construção inacabada, como um ser vivo. A fronteira abre os olhos, nos dá energia, nos prepara ao discernimento para distinguir os valores e os contravalores que existem na sociedade. A fronteira nos leva a refletir sobre a qualidade do serviço e abre os

nossos ouvidos para perceber os novos apelos dos pobres. Ela aguça nosso sentido crítico para saber se nossa vida é bem marcada pela simplicidade e a sobriedade, como os nossos fundadores desejavam, ou ao contrário, é necessário corrigir certas atitudes pessoais e comunitárias. Quando se entra nesta forma de vida dinâmica, na aventura da fronteira, logicamente a mobilidade e a disponibilidade estão presentes. Nisto e em muitas outras coisas, São Vicente foi muito lúcido.

PARA REFLETIR PESSOALMENTE E PARTILHAR EM COMUNIDADE

- Meditar o capítulo 13 de São Mateus para impregnar-se da linguagem das parábolas
- Reflexão e revisão pessoal a partir dos três princípios evocados.
- Considerando o apelo que a Companhia faz ao profetismo (ou a ser uma parábola), na sua opinião, quais são os aspectos ou o aspecto sobre os quais (ou o qual) precisará insistir mais particularmente em sua Comunidade?

Padre Javier Álvares, cm
Diretor geral

DESAFIOS ATUAIS

A universalidade da Pessoa

Notas tomadas durante a conferência do Professor Henri Joyeux na Sessão de formação da Equipe de Pastoral da Capela sobre o tema do ACOLHIMENTO (continuação).

Após esta longa introdução, eu peço sua atenção, num primeiro tempo, sobre alguns pontos importantes para o acolhimento das pessoas. Num segundo tempo, nós nos deteremos sobre o funcionamento de todo ser humano, ao mesmo tempo pessoa única e universal.

I – COMO ACOLHER OS PEREGRINOS?

Antes de ver como funciona o ser humano, vejamos como acolher estas pessoas. Quatro verbos são importantes: observar, escutar, compreender e aconselhar.

OBSERVAR

Observar significa estar atento. Temos duas máquinas fotográficas que são de uma extrema precisão: os olhos que nós temos não são feitos para estar “na sacola”, como se diz às vezes na brincadeira. Portanto, observar é importante. Minha profissão de cirurgião e de homem da saúde me obrigaram e me obrigam a observar muito. Há 20 anos, quando, por exemplo, eu entrava numa sala de consultação, eu não precisava perguntar quem estava doente, isto me saltava aos olhos. Mas hoje, eu sou obrigado a perguntar quem está doente porque isto não me salta mais aos olhos: um canceroso não é necessariamente alguém que é magro, exceto evidentemente, quando está no fim da vida. Como não se vê isso, é preciso estar mais atento. A primeira coisa que se vê, é a roupa, a aparência e o rosto. O rosto é o exterior do que está no interior. Mas, o que está por trás de um rosto? É preciso ver além das aparências das pessoas e buscar em todos os lugares o sinal do Espírito pois, mesmo na pessoa mais insegura, há nela os sinais do Espírito, embora estes sinais sejam insignificantes. Zundel insiste muito no sorriso: *“Sejamos o sorriso da bondade divina, o*

sorriso é o maior poder do mundo”. O sorriso de Deus é um sorriso criador. Um sorriso não custa nada, mas faz bem. Isto significa estar atento à pessoa.

ESCUTAR

Depois de observar é preciso escutar. Escutar significa entender. Quando fazemos a descrição do ouvido, nós falamos da concha do ouvido que é feita para receber segredos. Por exemplo, quando uma mãe deve contar uma história ao seu filho, à noite antes de se deitar, ela o dirá na concha do ouvido. Além disso, é preciso não esquecer: há dois ouvidos: um para a mãe, outro para o pai! E todos os segredos que vão entrar na concha do ouvido nunca se apagarão porque a memória é algo muito grande. Efetivamente, nós temos uma memória para as fábulas de “La Fontaine”, as fórmulas matemáticas, que varia de uma pessoa à outra. Mas nós temos também uma memória emocional que toca o mais profundo de nosso ser: este é um poço sem fundo, absolutamente indelével à diferença da memória de um computador. Com efeito, se seu computador tem uma memória de 30 gigas, ele não pode receber 31. Se você chegou aos 30 gigas, você deve colocar um no lixo para poder continuar trabalhando. Então, você apaga alguma coisa. Mas, para a memória emocional é diferente. Se alguém sofreu algo cruel em sua infância, tal como um estupro, nunca apagará isto de sua memória. Mas, esta criança tentará esquecê-lo, enterrá-lo no mais profundo de si mesma. Ela poderá chegar a isto durante um certo tempo, 20, 30 ou 40 anos, mas um belo dia, uma eventualidade da vida vai fazê-la trazer este acontecimento à superfície de maneira extremamente precisa e vai perturbá-la, pois isto já perturbou sua vida visto que estas são coisas que não foram regradas. Por isso, é importante ver como aprender a regradar estas dificuldades que estão ancoradas em nossa memória emocional, como administrá-las por nós mesmos e também pelos outros. É necessário escutar a voz interior que está no outro. Só ele tem a resposta às suas dificuldades. Devemos aprender a escutar sua voz interior que não nos envia fax ou e-mail, mas que nos comunica algo de muito profundo. Zundel nos diz que, para aprender a escutar o outro, precisamos nos colocar nesta atitude de aceitação silenciosa que foi a da Virgem Maria. Um coração silencioso para escutar o outro é uma atitude interior. Na qualidade de acolhedores, temos que desenvolver esta atitude interior de escuta.

COMPREENDER

Depois de escutar, trata-se de compreender. Para isto, precisamos saber como funciona um ser humano. Eu aprendi muito neste aspecto graças aos pacientes.

ACONSELHAR

Enfim, é preciso aconselhar. Ora aconselhar é difícil porque vocês não são nem psicólogos, nem médicos. E vocês têm talvez diante de vocês alguém que está doente. Então, é muito difícil. Por isso, é necessário poucas palavras, mas palavras que devolvem a confiança, paciência e constância. Estas três palavras são palavras muito importantes a viver especialmente com as pessoas que mais precisam destas. Zundel diz: *“As palavras têm uma atmosfera que revela o que ninguém pode dizer e que é sem dúvida, o essencial”*. Quando uma pessoa faz uma confidência atroz, escutar com um silêncio compassivo tem mais peso do que fazer um julgamento qualquer. É sempre preferível não dizer nada. Não é amar a verdade dizê-la brutalmente, mesmo se isto nos acalmar. Às vezes, pensamos que se nós não dissermos a verdade, nós mentimos. É falso e até mesmo um erro grave. Claro que, isto pode nos acalmar, mas nós fazemos um mal terrível ao outro. Faltar com a paciência, docilidade, habilidade e jeito é faltar ao serviço da verdade. Por isso, precisamos armar-nos de paciência e doçura. Eu amo o outro e, porque o amo devo cuidar dele. A experiência também nos ajudará a esperar às vezes anos para saber como apresentar bem a verdade. Finalmente, não é fácil dar conselhos. Talvez, nós devamos dialogar mais tempo com esta pessoa. Evitemos o perigo de querer agir só e saibamos orientar para um médico, um psicólogo, um confessor quando for necessário.

COMPREENDER A PESSOA HUMANA

Cirurgião desde 1972, 25 anos mais tarde, eu decido acompanhar os doentes em fase terminal. Eu tinha percebido que eles se faziam grandes perguntas sobre a vida e, para eles, os detalhes não tinham mais importância ou perdido sua importância. Por isso, propus aos pacientes que eu havia tratado, de fazer com eles, um trabalho de reflexão sobre o funcionamento do ser humano. No princípio, surpresos, eles protestaram: *“Mas, doutor, com seus estudos, você deve saber muito bem”*. Então, respondi-lhes que eu sabia algumas coisas sobre o funcionamento do corpo, dos pés, do fígado, do pâncreas etc. mas que tudo isso é só uma parte do ser humano. Eu me lembro de pacientes que estavam a uma semana ou três meses do fim da sua vida e sabiam disto. Eu lhes dizia: *“Vocês devem saber mais coisas, pois eu não estou no mesmo estado que vocês”*; além do mais, eu observei que é no dia em que se fica privado das pernas que se sabe melhor como ela funcionava. Da mesma forma acontece depois da perda de um ser querido, é que se percebe a importância de sua presença. Quando estamos perdendo a vida, é neste momento que podemos, sem dúvida, compreender melhor o funcionamento do ser humano. De modo geral, os doentes dizem: *“de um lado, há o corpo, de outro o espírito”*. No quarto, a televisão está sempre ligada, eles vêem as notícias e, contudo, estas não os interessa. Para eles, tudo isto não tem mais importância. Um dia, uma senhora idosa disse-me: *“Olhe para as paredes de meu quarto”*. Alguns papéis pequenos estavam colados nela: num estava escrito: *“À minha Vovó amada, eu penso em ti, Alexandra”*; em outro: *“Vovó, amamos você, volte depressa”*. Depois ela acrescentou: *“isto, é o coração”*. Assim, ela distinguia claramente o domínio do espírito, daquele do coração, isto é, a parte espírito-inteligência, o funcionamento neuronal e a parte do coração. Quando eu pergunto às crianças pequenas na escola onde se encontram os seus segredos, os meninos me mostram a cabeça, as meninas o coração. Isto significa que o menino é cartesiano, ele pensa com a cabeça, a menina tem uma parte dominante mais da ordem da afetividade. Assim, o homem e a mulher não funcionam do mesmo modo. Esta complementaridade é algo extraordinário. Então, há o corpo, a mente, o coração ou a afetividade e há os pacientes que escrevem sobre suas etiquetas de entrada no hospital se eles desejam falar com o capelão, o imam ou o rabino. Para minhas pesquisas, tentei escolher as pessoas que não tinham escrito nada. Logo, eu não sabia se elas eram católicas ou outros. Dos 30 pacientes escolhidos, havia pelo menos a metade que não queria falar da alma, mas eles sentiam uma 4ª parte além do corpo, do espírito e do coração. Eles falavam de uma outra coisa sem expressá-la realmente. Empregando uma palavra diferente: *anima*, que é o de uma língua estrangeira, passa melhor. Com efeito, este termo *anima* ressoa neles como: *“isso anima”*. Um dia, um jovem doente, perto da morte, estava com dificuldade para respirar. Enquanto eu estava sentado numa cadeira, ele me disse, todo sufocado: *“olhe para sua cadeira”*. Imediatamente, eu olho para esta pensando que algo estava quebrado. Ele diz: *“os 4 pés”*. Ainda não entendendo, ele acrescenta: *“alimentar os 4 pés”* e continua me explicando que nós somos, como esta cadeira com 4 pés a alimentar diariamente: o corpo, o espírito ou inteligência, o coração ou afetividade e depois a última parte. Eu lhe disse: *“a alma”*. Ele diz não! *“Então do que se trata”* repliquei. Ele responde: *“é mais profundo, mais profundo”*. Finalmente, ele estava me explicando, sem o conhecer, de São João da Cruz que falou da agulha fina do ser. Através desta imagem dos 4 pés da cadeira, ele falou da complementaridade das partes de nosso ser. Realmente, se um dos 4 pés não está bom, não estaremos bem sentados. E eu notei que muitos dos meus colegas não estavam “bem sentados” visto que eles recusaram o lugar do espiritual na vida deles. É aí que os pacientes podem prestar uma grande ajuda ao seu médico, pois, quando uma pessoa está no fim da vida, é ela que nos ensina; nós, nós nada temos a ensiná-la. Podemos dar-lhe somente alguns medicamentos para pacificar seus sofrimentos físicos e morais. E depois disso, nós fugimos... Por quê? No fundo, nós fugimos desta parte espiritual do ser que está partindo. Um dia, entrando num quarto, ouvi uma voz que parou. Porém, no quarto, havia só o doente. Eu lhe disse: *“Tive a impressão que havia outra pessoa aqui; você falava com alguém?”* A doente me diz: *“sim, eu estava registrando algumas mensagens para meus filhos e netos”*. Ela queria deixar-lhes uma cassete porque ela sabia que ia partir. Sobre isso, pergunto-lhe com muita discrição o que ela gostaria de dizer-lhes. Ela

respondeu: *“Eu disse-lhes que eu sou como uma borboleta que vai sair de seu casulo e vai partir para luz”*. Quando escutamos coisas como estas, nós somos trabalhados no mais profundo de nós mesmos e isto permanece gravado em nossa memória emocional. Em seguida, o Espírito Santo faz o que ele quer.

Para nós, médicos, nós os especialistas, quando alguém chega ao fim da vida, o enviamos num Centro especializado para os fins de vida. Tentamos preparar a pessoa: *“veja, fizemos tudo o que era necessário, agora, vamos enviá-lo para um Centro”*. Não dizemos o nome do Centro porque as pessoas sabem que este nome é sinônimo de morte. Então, não dizemos a eles que realmente vão morrer. Mas, quando eles chegam neste Centro e que lêem seu nome, eles compreendem tudo. Na minha opinião, não é a melhor solução. Eu não quero dizer que não devamos dizer a verdade, mas eu penso que é necessário sempre deixar uma lâmpada acesa. Eu sempre digo aos meus colaboradores que, se um dia, eles vierem me visitar em meu quarto dizendo: *“você está muito doente e vai morrer”*, eu os expulsarei porque eu lhes direi: *“Eu sei, não precisa me dizer”*. Os pacientes em fase terminal têm a convicção íntima, profunda que estes são os últimos momentos da vida deles. É nesses momentos que eles podem nos ensinar muito, a nós médicos. Eles nos acolhem em seus quartos e nós recebemos muito deles. No íntimo de cada ser humano, encontramos estas 4 partes que podemos dissociar intelectualmente, mas que, na realidade, não se dissociam. É uma base unida entre o nosso corpo, o nosso espírito, nosso coração e nosso estímulo. Mas como conseguir expressá-lo? Aqui, é outro paciente em fase terminal que me expressou isto de um modo diferente. Este paciente era *“pied-noir”*. Isto significa que ele havia morado em outro país, o Marrocos. Ele dizia: *“na hora dos tratamentos, pensei que eu ia morrer, mas algo em mim era mais forte e me dizia: é necessário se agarrar à vida”*. Porque ele amava seu filho, sua filha e sua esposa, ele tinha alguma coisa nele que o estimulava a viver. Ele desenhava o ser humano como uma palma anã que é uma palma que tem um tronco bem pequeno e palmas bonitas. Imaginemos as 3 palmas que são: o corpo, a mente e o coração. Estas 3 palmas estão em boa forma quando a pessoa está em boa saúde. E estas 3 palmas estão tão bonitas que elas escondem o tronco recobrimo-o. Sabe-se bem que uma palma anã tem um tronco, mas não se vê. A partir do momento em que uma das palmas está doente, ela fica translúcida, transparente e logo vê-se aparecer o tronco. Vendo aparecer o tronco, vemos o que se passa com nossos pacientes. Se sofremos ao mesmo tempo nestas 3 palmas: corpo, mente e coração, logo percebemos o que anima a pessoa, sua alma. Neste momento, vê-se aparecer o tronco, isto é, o que nos anima. O que mais me impressiona é que os pacientes em fase terminal são todos hiper espirituais, até mesmo aqueles que dizem não ter a mínima fé. Vocês me dirão: talvez seja o medo! Pascal não dizia: *“Se Deus existe, reconciliar-se com ele antes de morrer e casualmente evitar os açoites de vara”*. Evidentemente, isto pode existir, mas eu não acredito que seja a razão. Eu penso que no íntimo de todo ser humano há uma raiz espiritual muito profunda. E esta se ativa de um maneira bem clara nestes momentos.

II – O FUNCIONAMENTO DE TODO SER HUMANO

Agora, eu vou me deter sobre os componentes essenciais do ser humano e assinalarei algumas destas disfunções orgânicas, mais presentes em nossa sociedade atual.

O CORPO

Quando nós olhamos para uma pessoa, nós vemos primeiramente seu rosto e suas mãos. Claro que há os pés mas, em geral, as mãos não estão escondidas nas luvas. Aperta-se a mão para se dizer bom-dia!

Quando eu estou com criancinhas, eu sempre lhes pergunto: *“o que é secreto no corpo?”* De acordo com a profissão dos pais, eles dizem: o esqueleto, o fígado, os glóbulos vermelhos,... tudo o que não se vê. Em seguida, um menino diz no seu jargão de criança: o sexo. Logo, eu lhe respondo

que ele tem razão. E para explicar-lhes, digo-lhes: *“tu vês, teu rosto não é secreto, tu o mostras a todo o mundo, tuas mãos, tu as estendes a todo mundo para desejar bom-dia, etc. Mas a parte mais secreta do corpo está situada na zona da sexualidade”*. É importante que eles saibam disto porque, hoje, é necessário informar as crianças a tomarem cuidado com adultos que querem tocar nas zonas do corpo delas que não lhes pertence. É preciso explicar às crianças que o corpo delas lhes pertence, sem se sentirem obrigadas a fazer um curso com esquemas de anatomia. Termineo especificando que temos a pele na periferia de nosso corpo. Se espalhássemos a pele de um adulto sobre uma mesa, nós teríamos 1,5m² de superfície corporal de pele, cobertos de bilhões de corpúsculos sensitivos capazes de perceber o toque, a delicadeza, a não delicadeza, o calor, o frio, a injeção, etc. Há algumas zonas ditas eróticas que são as da sexualidade pela qual a sociedade de hoje é obcecada. Por quê estas obsessões? Um primeiro elemento de resposta pode vir de uma certa sufocação desta realidade desde o ano 2000: este acabou provocando uma real explosão. Sigmund Freud, nascido em 1836 na Áustria, é um dos cientistas que mais influenciou o pensamento de seu século. Inventando a psicanálise, ele pôs em evidência um certo número de comportamentos que permitem ou não estar em boa saúde.

O CONSCIENTE E O INCONSCIENTE

Um outro componente do ser humano é a mente. Neste nível, é necessário distinguir o consciente e o inconsciente. Depois de muito tempo, alguns médicos especialistas tentam compreender o inconsciente e não terminou-se de pesquisar. Para mim, creio que o Espírito Santo está presente no inconsciente. Sobre este assunto, Zundel diz: *“Ir a Deus, é ir a si mesmo”*. Trata-se, portanto, de buscar sempre o nosso centro. Temos um inconsciente extremamente ativo, responsável por um certo número de automatismos que é bom tentar compreender. O consciente é fácil de explicar, o inconsciente é mais complicado. Um de meus amigos, monge, confiou a mim que muito tempo ele se buscou em sua vida. Um dia, ele havia conhecido Jean Vanier que lhe disse: *“Eu não sou muito favorável de ir aos psicanalistas, mas você, você precisa realmente de um. Vai ver um de meus amigos que está em Londres”*. Ele foi vê-lo. A seu pedido para desenhar seus sonhos, o monge responde: *“Eu não sonho e não sei desenhar”*. Não importa, responde-lhe o psicanalista: *“você desenhará como souber e sonhará como puder”*. E, a partir deste dia, o monge começou a sonhar. O que aconteceu? Ele não começou a sonhar porque ele já sonhava, mas em vez de enterrar seus sonhos, ele esforçou-se para se lembrar. É interessante porque eu mesmo o observei. Para simplificar, podemos dizer que há os sonhos negativos e os sonhos positivos; há os pesadelos e sonhos, como na Bíblia onde podemos descobrir sua função. No Antigo Testamento, quando José ou outros tiveram sonhos, eles levaram muito a sério. Estes sonhos são tipos de sonhos que vêm do inconsciente e que voltam à mente. Então, o Espírito Santo trabalha em nós quando dormimos? Eu penso que é possível. Mesmo que o nosso cérebro esteja em repouso, o nosso corpo continua trabalhando: todos os segundos, o coração envia o sangue da cabeça aos pés, a seleção do lixo se faz e de manhã, a bexiga está cheia. Nosso corpo trabalha, mas ele não trabalha simplesmente como uma máquina. Isto significa que a mente trabalha. Aconteceu-me ir a Medjugorje. Lá o Gospa, como dizem os videntes (significa a Virgem Maria), lhes diz que durmam com ela e, assim, eles se acordam com ela. Dormir dizendo a Ave-Maria faz com que acordemos terminando o que não foi dito! Isto significa que se trata de apreender nosso inconsciente no qual se encontram muitas coisas. Há o que podemos chamar as recordações fundamentais que são as recordações que nós não vemos, que nós não compreendemos e que se revelam depois de um certo número de anos: 40, 50 ou 60 anos depois.

Dois exemplos ilustram muito bem isto.

O primeiro é o de **Teilhard de Chardin** que se diverte com uma pedra ferrugenta quando ele era pequeno. Esta pedra o fascinou e toda sua vida, ele vai procurar o por quê disto.

O segundo é o de **Israel Zoller**. Nascido em 1881, de uma família judia rica da Galícia, nos confins do império Austro-húngaro, Israel é uma criança brilhante, inteligente e trabalha bem na Escola. Sua mãe tem uma empregada muito boa que é católica. Com a idade de 7 anos, Israel é o amigo do filho da empregada. Ele vai então para casa dela. A primeira vez que ele entrou no quarto de seu amigo, vendo sobre a porta, um homem numa cruz, diz-se: *“Este deve ter feito um certo número de tolices para que lhe tenham pregado as mãos e os pés”*. Toda a sua vida, Israel vai tentar entender o porquê. Ele encontra-se assim. Ele começa seus estudos superiores em Viena, depois em Florença onde ele frequenta os cursos da Universidade bem como estudos no Colégio rabínico da cidade. Nomeado grande Rabino de Trieste em 1918, ele opta pela nacionalidade italiana no final da Primeira Guerra Mundial. Ele morará assim em Trieste durante vinte anos, acumulando as leituras bíblicas. Estudando a Torá, ele começa a ler o Novo Testamento. Ele se lembra, ainda criança, de ter visto uma cruz no quarto de seu amiguinho cristão. A visão da cruz se impõe a ele e ele decide conhecer melhor este crucificado. Em 1939, ele é nomeado o grande rabino de Roma. As leis anti-semíticas de Mussolini o obrigam a italianizar seu nome: ele será chamado então Zolli. Desde sua chegada em Roma, Zolli adverte as autoridades judias das intenções dos Nazis que surgem na península italiana, mas só encontra pouco eco. Ele é tratado como um estranho que nasceu na Europa do Leste e não conhece o Judaísmo romano. Em 1943, o Comandante Kappler coloca imediatamente suas condições à comunidade israelita: entregar 50 kg de ouro ou 300 reféns em 48 horas. Os judeus do Gueto conseguem reunir 35 kg. Zolli cuja cabeça tinha sido posta à venda pela Gestapo, pede aos membros da comunidade para colocarem seu nome em primeiro na lista dos reféns. A comunidade teve sucesso em recolher ouro proveniente das paróquias católicas da cidade. Nos meses seguintes, o grande rabino vive na clandestinidade a fim de continuar ajudando seu rebanho a fugir. Ele vive graças às famílias romanas que o escondem ao perigo de sua vida. Ele conta como o Papa Pio XII fez abrir o claustro dos mosteiros e dos conventos da cidade e dos arredores para abrigar as famílias inteiras de israelitas. A vida cotidiana do rabino é feita de sofrimentos, frio, fome e angústia. Com a chegada dos americanos em 1944, sua função de grande rabino é restabelecida. Naquele ano, no dia de Yom Kippour, Zolli teve uma experiência decisiva, ele vê a face de Cristo. Depois de ter renunciado a sua função de grande rabino, ele procura ser instruído por um Padre católico em vista de receber o batismo, o que lhe custa uma campanha de difamação por parte da comunidade judaica. Logo, ele se encontra totalmente desprovido de tudo. Foi então que o Papa Pio XII oferece-lhe os meios para viver, confiando-lhe uma cadeira de ensino na Universidade Gregoriana e a possibilidade de continuar seus trabalhos de exegese no Instituto Bíblico. Depois de ter várias vezes se encontrado com o Santo Padre, Zolli prediz à sua filha a hostilidade atual: *“Tu verás, far-se-á de Pio XII o bode expiatório para o silêncio do mundo inteiro diante dos crimes Nazistas”*. Tornando cristão, Zolli escolhe o nome de batismo de Eugênio em homenagem ao Papa. Durante os últimos anos de sua vida, Zolli trabalha para melhorar as relações entre a Igreja Católica e a Sinagoga. O fim de sua vida se passa em Roma, partilhada entre sua função de professor e o seu trabalho de escritor. Tendo um imenso respeito pelo Talmude e a religião Judaica, Zolli faz uma comparação entre o Antigo e o Novo Testamento explicando que o Antigo Testamento é o amor da lei e o Novo é a lei do amor. Para conseguir fazer um tal resumo, é preciso ter refletido e trabalhado muito. Ele morre em 1956. Esta vida é realmente fascinante e vemos bem o quanto a recordação inicial vai ser a animadora de toda a sua vida.

Cada um tem suas recordações fundamentais. Aos 7 anos, eu ouvi meu avô resmungar em sua barba: *“Eu não sirvo pra nada”*. Senti-me mal, perguntando-me como se podia dizer isto nesta idade, e disse a mim mesmo: *“tu servirás sempre”*. Agora, quando eu vejo aposentados que estão um pouco deprimidos porque eles se sentem inúteis, eu lhes digo: *“ainda há muitas coisas a fazer para melhorar a vida dos homens e mulheres em nossa terra. Façam algo por eles”*.

Cada um tem recordações positivas ou negativas, das feridas da infância ou adolescência. As feridas da pequena infância podem ser extremamente poderosas em sua vida. Um livro cujo título é: *“Pai ausente, filho desgarrado”* mostra a importância do papel do pai para uma criança.

Um professor de psicologia sublinha que o pai é ainda mais importante que a mãe. Evidentemente, ele não quer diminuir o papel da mãe, mas ele sublinha que em geral, a maternidade é uma coisa natural e causa menos problema do que a paternidade. Ser pai é uma construção de todos os dias.

Resumindo, é necessário perceber nosso funcionamento psicológico e fazer com que nosso inconsciente se torne o mais possível consciente. Não tenhamos medo de nossos sonhos, tentemos interpretá-los. Os cristãos devem aprender noções de psicologia. Nos Seminários, é preciso desenvolver as formações sobre o funcionamento do ser humano. Todos nós temos paixões e compulsões. Zundel fala a respeito das paixões: *“é preciso não brutalizar nossas tendências apaixonadas, todos nós as temos”*.

A AFETIVIDADE

A questão de homoparentalidade

Uma das situações problemáticas atuais de nossa sociedade é a homoparentalidade, isto é, a adoção de uma criança por duas pessoas do mesmo sexo. É necessário pensar bem antes de tomar decisões tão importantes. Eu penso que a nossa sociedade é frágil sobre este ponto e precisa chegar a uma maior maturidade. Estamos nós bastante amadurecidos para tomar decisões tão importantes para as crianças, porque é da criança que se trata. Não se trata do direito à criança, mas do direito da criança. Pois, dois pais impõem ao seu filho adotado não ter uma mãe. Duas mães dizem ao filho: *“você tem duas mães, mas não tem direito a ter um pai”*. Como adultos, nós temos filhos não porque temos o direito, mas para levá-los a uma vida autônoma, de liberdade, de responsabilidade a fim de que eles possam deixar o lar familiar livremente. Os meios de comunicação nos transmitem falsas informações em nome de uma falsa ciência. Dizem-nos que estudos mostram que estas crianças vão bem. Evidentemente, nos mostram crianças que são filhos de um pai e de uma mãe, mas cujo pai abandonou-o partindo com outro pai. Então, dizem-nos que a criança é filha de dois homens e que está bem, embora ela não tenha uma mãe. Na realidade, no início ela teve um pai e uma mãe. Não se está aqui para fazer um julgamento, mas é preciso não acreditar que se esta criança vai bem, é porque ela está com dois pais sem mãe. Não é verdade porque havia um pai e uma mãe. É necessário pensar bem sobre o que nós precisamos para nos construir. Nós somos originários destes dois rios dos quais eu falei, mas primeiro passamos nove meses no ventre de uma mãe. Eu diria em algum lugar que a relação afetiva, entre a criança e sua mãe, é claramente antes sobre a relação afetiva entre o pai e a criança. Assim, se eu fizer um balanço, o peso afetivo materno pesa muito mais forte no início do que o peso afetivo paterno. A criança recebe um afeto muito forte por parte de sua mãe: das carícias, das fraldas trocadas com toda afeição que ela pode dar. Mas o problema, é que ou esta mãe vai ser monoparentalidade sozinha, ou esta mãe vai ser, certamente, um companheiro, um marido, um cônjuge, mas ele é desajeitado. Nesse caso, ela considera que ele não sabe bem cuidar da criança.

Imaginemos vários tipos de situações

Primeiro a situação em que dois pais adotam um menino. Enquanto o menino é pequeno, tudo vai bem. Ele é amável e obediente. Mas chegou a adolescência, é normal que ele se oponha a seus pais. Numa família normal, o adolescente testa seu pai e sua mãe e esta oposição é construtiva para a criança. Mas neste primeiro caso, quando o menino que está cansado de ter dois pais e sonha em ter uma mãe que ele não tem, chega na adolescência, ele vai rejeitar seus dois pais. Está dentro do seu inconsciente. Os amigos que têm um pai e uma mãe dizem-lhe: *“Tu tens dois pais, e não tens uma mãe”*. Quando se tem um pai, já se rejeita, mas quando se tem dois, é uma dupla rejeição! Por isso, ele vai correr para o feminino que lhe falta desde sua infância e vai fazer tudo com as meninas. É preciso não iludir-se, será uma catástrofe.

Vejamos a situação inversa: dois pais que adotam uma menina. No início, ela é bela. Ela cresce gentilmente. Mas chega na adolescência, ela tem uma aversão a estes dois pais que começam a ter medo porque a menina começa a olhar para outros homens, ter seu amiguinho. Mas o que vai acontecer? Esta jovem que não tem mãe vai ser atraída pelo feminino porque ela tem uma overdose do masculino. Na carência afetiva maior do lado feminino, ela pode ser atraída por uma mulher gentil que terá a idade de sua mãe, e em quem ela buscará compensação, substituição.

Para um menino, a imagem do feminino passa pela imagem de sua mãe. E para uma menina, a imagem do masculino passa pela imagem de seu pai. Que seja bom ou ruim, esta imagem é completamente impressa em nós; para os homens, a visão do feminino vai passar através do rosto de sua mãe, e vice-versa para as meninas. O que é importante para um jovem, é compreender bem, em seu trajeto, o que é característico nele e o que vai ajudá-lo na sua vida futura. A característica do pai e da mãe são absolutamente fundamentais.

Agora, imaginemos duas mães que adotam uma criança. Se for um menino que cresce com duas mães, no princípio tudo vai bem. Mas, chega à adolescência, ele está farto das duas mães e começa a insultá-las. As mães não compreendem nada desta revolta. O que há por trás de seu insulto? Insultando sua mãe, ele grita inconscientemente que lhe falta um pai para fazer o equilíbrio e ouvir de sua boca: *“meu filho, respeita tua mãe, porque tua mãe, é aquela que eu amo!”*. Com duas mães em overdose, o menino tornado adolescente vai ser atraído pelo que lhe falta, isto é, pelo pai que ele não teve e buscará uma paternidade de substituição, de compensação.

A afetividade a construir

Estas situações problemáticas que acabamos de descrever colocam em destaque a dificuldade para construir nossas orientações afetivas. A afetividade não é inata, ela se constrói com a progressão de nossa vida. E para que isso se construa em equilíbrio é preciso a grande medida de afeto da mãe no nascimento e a presença do pai. É por isso que uma mãe que dá a luz a uma criança deve também dá-la de vez em quando ao pai para que ele cuide dela. Eu desejo que haja um “CAPES de saúde pública” para ensinar aos jovens, à medida de sua evolução, as coisas que são tão importantes para a vida deles.

Toda a afetividade e o que a concerne pode ter sido danificado, ou por deficiência ou proteção excessiva. Por exemplo, esta família de 5 filhos, muito bons cristãos, a mãe é muito musicista, o pai é professor de física e pinta aquarelas. Os pais super protegeram os filhos, considerando que eles não deviam ir à Escola durante o primário. A escola se fez em casa: a mãe cuidava da educação e o pai fazia o resto e assim, eles não sofreram todas as más influências da Escola. Uma vez chegado no mundo real, as dificuldades se apresentam. Quando as crianças entraram no 6º ano, elas se compararam com os outros e descobrem o mundo real. Aos 13 anos, sua filha primogênita faz uma anorexia mental grave com hospitalização, provavelmente muito magoada por seus colegas. Aos 22 anos, o seu 3º menino sente grandes problemas afetivos. Bem entendido, não se pode acusar os pais porque eles sempre fazem o melhor, mas podem cometer alguns erros sem perceberem. Para proteger os filhos, é necessário ajudá-los a discernir o que é bom e o que não é.

Em nosso mundo, hoje, há as incoerências que estão ligadas a um sério desconhecimento do funcionamento do ser humano, de nosso corpo, de seus impulsos, do funcionamento de nossa mente, de nossa afetividade, de toda a parte espiritual de nosso ser que dá equilíbrio a todas as outras partes de nosso ser. É preciso estar atento ao todo e compreender bem as relações entre estas diferentes partes.

Não é necessário apagar as diferenças entre o feminino e o masculino. O feminino tem, pelo fato da maternidade, incluindo o espiritual, uma capacidade afetiva mais importante. O

comportamento masculino é um pouco diferente: a cabeça e a razão têm frequentemente uma importância maior. Os jovens devem aprender esta complementaridade da afetividade e a capacidade do raciocínio.

Minha esposa perdeu o seu pai com a idade de 2 anos. Mas ela fala dele como se o tivesse conhecido porque sua avó falou-lhe muito dele como se este estivesse vivo. A imagem que nós podemos dar à criança do ausente influencia em sua estruturação. Algumas crianças que viveram as piores dificuldades se saem muito bem destas. Mas se elas as superam, é porque houve pessoas que as ajudaram.

É necessário estar consciente de que, no mundo de hoje, a velocidade com a qual funciona, as imagens que nós recebemos, os cartazes que nós vemos, nos moldam inconscientemente, sobretudo, as crianças. O mundo de hoje não é o mesmo de ontem. As crianças têm em seu celular a televisão. Quando as crianças escutarem seu walkman, não pensem que eles escutam a música clássica. Elas escutam os conselhos débeis sobre a sexualidade porque seus pais não falam sobre este assunto com elas.

Se impedíssemos as crianças de comer durante 4 dias, ao final, elas estariam famintas e iriam procurar o que comer nas lixeiras. Se nós não dermos às nossas crianças o que é absolutamente necessário para a construção de suas orientações afetivas e sexuais, elas irão procurá-las “nas lixeiras”. E nas “lixeyras” de nossas sociedades de hoje, vocês têm DVDs, vídeos cassetes, revistas luxuosas, coloridas... Nossa sociedade faz com que as pessoas de hoje se alimentem com este tipo de sujeiras. Há 40 anos, todas estas coisas não existiam. Eis a mudança de sociedade à qual é preciso ajustar-se, não para abençoar, mas tentar evitar maiores problemas.

Antigamente, nossos pais não nos falavam de sexualidade e nós conseguíamos superar esta com altos e baixos, mas o mundo não era o mesmo. Hoje, os pais devem falar sobre este assunto aos seus filhos. Todo pai tem um papel particular em relação à menina e ao menino. O momento mais importante de uma criança é o da puberdade. Numa menina, começa mais ou menos aos 8 anos e, num menino, aos 10 anos. Porque a geração precedente não recebeu uma formação afetiva e sexual, os pais de hoje não têm consciência suficiente da necessidade de explicá-la aos seus filhos. Para as crianças, os adolescentes e os jovens, os métodos pedagógicos especializados existem e permitem o diálogo entre os pais e os filhos. Se nós não falamos com as crianças e os jovens, nós deixamos a televisão e a rua informá-los.

Uma mãe me escreveu que no dia em que ela descobrira que sua filhinha de 4 anos fazia seu boneco fazer amor com sua boneca, ela não ralhouna e disse a ela: *“Venha, minha filhinha, eu vou te contar uma bela história, no ouvido, como o mais belo segredo. Eu vou te contar quando tu estavas em meu ventre. Tu passastes 270 dias em meu ventre, num berço-piscina com um pequeno cordão que dava voltas, que virava etc. Tu passaste um tempo maravilhoso em meu ventre”*. E a mãe lhe contou a história de sua vida. É essencial que as mães expliquem estas verdades aos seus filhos. Aos 4 anos, uma menina não vai perguntar como se faz, mas como ela nasceu. Quando ela terá 5-6 anos, ela perguntará como veio ao mundo. Portanto, trata-se de respeitar uma certa pedagogia que corresponda à sua idade à qual é necessário iniciar-se. Quando uma criança faz uma pergunta que não corresponde à sua idade, é porque ela repete a palavra do adulto. Logo, não é preciso respondê-la a pergunta visto que esta não é capaz de compreendê-la. Por outro lado, é preciso responder àquela que corresponde à sua idade. É ainda melhor antecipar suas perguntas explicando-lhe algumas coisas fundamentais para sua vida, na sua linguagem própria.

Os reflexos diante da angústia

Parece-me importante refletir com vocês sobre os reflexos da angústia. Frente a um sofrimento, como a pessoa reage?

Quando eu estou angustiado, tenho medo de quê? De morrer. Quando, na estrada, evita-se com precisão um carro, diz-se: “*Eu vi a morte diante de mim, eu a evitei*”. O que é um reflexo? Um reflexo é algo que eu não controlo. Quando o médico bate no joelho, o joelho reage imediatamente: é o reflexo rotular. Se eu quero evitar este reflexo, eu contraio meu músculo e o impeço de funcionar. Isto significa que se eu compreendo, eu posso bloquear.

Diante da angústia, nós temos três tipos de reflexos: o que toca à alimentação, o que toca ao dinheiro e o que toca ao amor.

1 – A alimentação.

O reflexo alimentar, é voltar-se em direção a toda forma de alimentação assim que se sinta uma angústia que pode conduzir à bulimia (por exemplo, a barra de chocolate que dura 5 minutos e permite compensar) e levar ao excesso de peso e à obesidade. Ao inverso, a anorexia mental é um reflexo para gritar sua dor à sua família, a seus amigos dizendo-lhes: “*amem-me, considerem-me, eu existo*”. Se estamos conscientes deste reflexo alimentar e que decidimos controlá-lo, ele pode se deportar para outro lugar: no campo do dinheiro ou o da afetividade.

2 - O dinheiro

Vê-se pessoas que gastam seu dinheiro estupidamente: por exemplo, eles fazem coleções de maneira exageradas ao ponto disto se tornar uma droga. Outros compram coisas excessivas para si: um dia, um de meus colegas, universitário bem colocado, vendo um carro muito bonito que valia 40 milhões em francos antigos, decide comprá-lo imediatamente. Como ele não tinha dinheiro suficiente em sua conta e que sua esposa tinha uma conta diferente, ele pegou o carnê de cheque de sua esposa, comprou o carro e todos os domingos tirava o seu carro como solta seu cachorro. Ele tinha o seu brinquedo! Este homem estava em pleno reflexo de angústia e não conseguia administrar sua vida.

Hoje, os créditos são muito bem organizados. Em todos os jogos da sorte, as pessoas esperam por grandes prêmios. Faz-se as pessoas sonharem. Um jóquei me dizia que as pessoas que faziam a corrida de três cavalos, em geral, ao longo de sua vida, perdiam o preço da sua casa. Estas estatísticas são bem conhecidas. Isto significa que há em nosso mundo peritos da exploração de nossos reflexos. Os publicitários sabem muito bem nos atrair.

3 - O domínio do amor

O desvio do amor é a sexualidade desenfreada. Hoje, no aspecto cultural, nós temos filmes, revistas, etc. onde, sem cessar, fala-se do amor sob a forma de seus desvios. O que fascina as pessoas não é o amor que vai bem, mas o amor que não vai. Aquele que multiplica as experiências busca também o amor. Estas pessoas passam de um parceiro afetivo a um outro não conseguindo a se estabilizar. É o medo do compromisso e chega-se a comparar seus companheiros.

O conhecimento destes reflexos nos permite tomar mais nossa vida em mãos, dominando-os. Para sair disso, não há receita particular, é preciso tomar decisões pessoais: por exemplo, não comprar mais chocolate, não manter seu carnê de cheque consigo, etc.

O conhecimento destes reflexos nos permite entender melhor aqueles aos quais acolhemos com todos os problemas que trazem, ligados ao funcionamento do ser humano. Conhecer-nos permite conhecer melhor nosso inconsciente e saber o que ele causa em nossos reflexos.

Um mundo fragilizado

Eu diria também que o mundo de hoje é ao mesmo tempo bastante maduro e muito frágil. O que a torna tão frágil é que a ciência evolui numa velocidade fantástica. A inteligência humana inventou os aviões, a mídia, etc. Por exemplo, eu tomo o avião de Paris a Mayotte. Depois de 11

horas de vôo, está-se ali e há a diferença de horário. De repente, eu me encontro num meio que não é o meu, numa cultura diferente. Se eu permaneço uma semana lá, eu devo me adaptar rapidamente para tentar compreender o que se passa. Depois eu volto. Tudo vai muito depressa e me fragiliza.

Outras fragilidades estão ligadas aos trabalhos precários, às dificuldades de saúde, a um certo desprezo dos homens políticos ou religiosos: ridiculariza-se aqueles que têm um certo poder e uma certa autoridade, que assumem responsabilidades e, deste fato, eles não representam mais nada, eles não são mais exemplos. Neste nível, nosso mundo é psicologicamente frágil.

Nós cristãos, embora sejamos frágeis, temos um dever de não-fragilidade. São Paulo dizia: *“minha força está em minha fraqueza”*. Eu acho que a tradução não é boa, eu traduziria antes por: *“minha força está no conhecimento de minha fraqueza”*. Quando se sabe que se é fraco, que há riscos de cair, então, presta-se atenção. E isto fortalece. Nós temos um dever de saber que nós somos fracos e um dever de nos formar.

Em 1905, um grande cientista espanhol teve um prêmio Nobel porque o mesmo havia feito a demonstração que a partir de aproximadamente vinte anos, os humanos começavam a perder alguns neurônios. Porém, há dois anos, um outro cientista demonstrou que um homem era capaz de ganhar neurônios toda a sua vida, isto significa que demonstrou-se o oposto deste prêmio Nobel de 1905. Então, pode-se ganhar neurônios durante toda sua vida se os fazemos trabalhar; mas se não os faz trabalhar, perde-os. Ao final de cada dia é bom perguntar-se: o que eu aprendi hoje?

CONCLUSÃO

Para terminar, eu diria que, em nossa missão de acolhedores, nós não temos a ciência inata para acolher as pessoas. Podemos estar diante de pessoas em situação de extrema dificuldade. As atitudes essenciais para acolhê-las são atitudes do coração:

- Atitude de observador para ver como o outro se situa, se veste... não para julgá-lo, mas para ter uma idéia sobre ele.

- Atitude de escuta, de atenção de tal maneira que o outro se sinta compreendido e possa expressar sua dificuldade. Trata-se de mostrar-lhe que nós estamos prontos a ouvir e que se ouve muitas coisas. Às vezes, as pessoas “se confessam”, isto é, que eles confiam em nós e nos fazem confidências porque eles sabem que se vai guardar o segredo e que, de uma certa maneira, é-se para eles o representante de Deus.

- Atitude de compreensão diante de todo o sofrimento. Nós devemos estar em estado de receber as angústias das pessoas sofredoras ou infelizes e ajudá-las a levar as provações da sua vida. É necessário manter sempre a esperança em qualquer a pessoa. Nossa compaixão não deve nos fazer chorar com as pessoas sofredoras, mas tentar otimizar e abrir-lhes um caminho de esperança. Atenção para não dizer muito depressa que o sofrimento é redentor. Evidentemente que, a paixão do Cristo é um elemento de sofrimento humano explicável pela teologia da Redenção, mas é necessário fazer extremamente atenção a estes termos de sofrimento co-redentor. Antes de morrer, o Cardeal Veillot disse aos seus Padres: *“Nunca fale do sofrimento”*.

Igualmente, vocês que acolhem pessoas de todos os horizontes, evitem falar do sofrimento de Cristo, este Jesus que eles não conhecem ou talvez pouco.

À questão *“Como podemos tornar Jesus conhecido?”*, Zundel responde: *“É preciso ir onde as pessoas estão e, lá onde estão, é necessário caminhar com elas à maneira de Cristo e mostrar seu amor por elas. Não se trata de fazer a caridade, trata-se de ser a caridade”*.

Frequentemente há pacientes que me dizem: “*Eu não consigo rezar*”. Eu digo-lhes: “*O próprio fato de que você esteja no hospital, que você esteja num leito e que aceite estar aqui e que não se revolte muito, é uma oração*”. E quando um paciente deseja rezar conosco, podemos dizer-lhe suavemente: “*O que você quer que peçamos ao Senhor?*” e, depois, rezar juntos uma “Ave-Maria” ou um “Pai-Nosso”.

Sua missão de acolhimento é importante: missão difícil que supõe uma espiritualidade viva e a necessidade de alimentá-la diariamente.

Professor Henri JOYEUX

NOMEAÇÕES

Nomeações

PROVÍNCIA DE EMMITSBURG: Irmã Claire DEBES foi designada Visitadora em substituição de Irmã Elyse STAAB, no dia 7 de março de 2007.

PROVÍNCIA DE GIJON: Irmã Julia del BARRIO GONZALEZ foi designada Visitadora por mais três anos, no dia 7 de março de 2007.

PROVÍNCIA DA BOLÍVIA: Irmã Carmen TOLEDO VELARDE foi designada Visitadora em substituição de Irmã Teresa FEELEY, no dia 2 de abril de 2007.

PROVÍNCIA DE MADRID-SANTA LUISA: Irmã Maria Cruz GUTIERREZ MARTIN foi designada Visitadora por mais três anos, no dia 2 de abril de 2007.

PROVÍNCIA DE CAMARÕES: Irmã Concepcion VICUNA BIURRUN foi designada Visitadora em substituição de Irmã Maria Angeles MESAS MORALES, no dia 26 de abril de 2007.

PROVÍNCIA DA ÁFRICA CENTRAL: Irmã Sabina IRAGUI foi designada Visitadora por mais três anos, no dia 6 de junho de 2007.

PROVÍNCIA DA NIGÉRIA: Irmã Francesca EDET foi designada Visitadora por mais três anos, no dia 6 de junho de 2007.

PROVÍNCIA DA TAILÂNDIA: Irmã Josefina ESTREMERÁ foi designada Visitadora por mais três anos, no dia 6 de junho de 2007.

REGIÃO DA ALBÂNIA: Irmã Tonja TUSHI foi designada Responsável Regional em substituição de Irmã Mira BERISHA, no dia 6 de junho de 2007.

PROVÍNCIA DA CHINA: Irmã Maria WU foi designada Visitadora em substituição de Irmã Emma LEE, no dia 27 de junho de 2007.

PROVÍNCIA DA FRANÇA NORTE: Irmã Françoise PETIT foi designada Visitadora em substituição de Irmã Elisabeth LACAU, no dia 27 de junho de 2007.

PROVÍNCIA DA FRANÇA SUL: Irmã Alice PONS foi designada Visitadora em substituição de Irmã Christiane GALDI, no dia 27 de junho de 2007.

PROVÍNCIA DA CRACÓVIA: Irmã Anna BRZEK foi designada Visitadora em substituição de Irmã Christina JAROSZ, no dia 25 de julho de 2007.

PROVÍNCIA DA AMAZÔNIA: Irmã Maria Cristina CARDOSO da SILVA foi designada Visitadora em substituição de Irmã Josefa Eleni BEZERRA, no dia 14 de agosto de 2007.

PROVÍNCIA DAS ILHAS CANÁRIAS: Irmã Nieves LOPEZ LOPEZ foi designada Visitadora por três anos, no dia 14 de agosto de 2007.

PROVÍNCIA DE PORTUGAL: Irmã Berta dos Anjos CARRICO foi designada Visitadora em substituição de Irmã Domicilia Maria GUIOMAR, no dia 14 de agosto de 2007.

PROVÍNCIA DA ERYTRÉIA: Irmã Letteghrbriel TESFAGABUR foi designada Visitadora em substituição de Irmã Neghesti MICHAEL, no dia 22 de agosto de 2007.

PROVÍNCIA DOS PAÍSES-BAIXOS: Irmã Remigia KENIS foi designada Visitadora por mais três anos, no dia 26 de setembro de 2007.

PROVÍNCIA DO EQUADOR: Irmã Elbieta Piedad ROJAS ENCALADA foi designada Visitadora em substituição de Irmã Zolia GUEVARA TENESACA, no dia 10 de outubro de 2007.

* * * * *

PROVÍNCIA DA NIGÉRIA: o Padre Michael EDEM foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade, no dia 14 de maio de 2007.

PROVÍNCIA DOS PAÍSES-BAIXOS: o Padre Jan Van BROEKHOVEN foi renomeado Diretor das Filhas da Caridade por mais três anos, no dia 15 de maio de 2007.

PROVÍNCIA DE GRANADA: o Padre Teodoro MARTIN ESTEBAN foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade, no dia 18 de maio de 2007.

PROVÍNCIA DA FRANÇA NORTE: o Padre Yves DANJOU foi renomeado Diretor das Filhas da Caridade por três anos, no dia 19 de maio de 2007.

PROVÍNCIA DA SUIÇA: o Padre Alain PEREZ foi renomeado Diretor das Filhas da Caridade por mais três anos, no dia 19 de maio de 2007.

PROVÍNCIA DO MÉXICO: o Padre Aaron GUTIERREZ NAVA foi renomeado Diretor das Filhas da Caridade por mais três anos, no dia 11 de julho de 2007.

PROVÍNCIA DE ROMA: o Padre Giancarlo PASSERINI foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade, no dia 24 de julho de 2007.

PROVÍNCIA DE SIENA: o Padre Alberto VERNASCHI foi renomeado Diretor das Filhas da Caridade por mais três anos, no dia 24 de julho de 2007.

PROVÍNCIA DO ORIENTE MÉDIO: o Padre Antoine NAKAD foi renomeado Diretor das Filhas da Caridade até ao fim do ano de 2008, no dia 8 de agosto de 2007.

PROVÍNCIA DE PAMPLONA: o Padre Tomas PERIBAÑEZ PERIBAÑEZ foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade, no dia 25 agosto de 2007.

VISITA DOS SUPERIORES

Mère Evelyne Franc
Irmã Marlene Terezinha Rosa, Conselheira geral

Visita da Província de Portugal
13-15 de abril de 2007

No dia 13 de abril de 2007, Irmã Evelyne Franc, Superiora geral, e Irmã Marlene Rosa, Conselheira geral, são acolhidas na Casa Provincial de Lisboa pela Visitadora, Irmã Domicilia Maria Guiomar, o Padre Diretor e as Irmãs, a maioria já conhecia Notre Mère. Em seguida, os professores e as crianças do colégio desejam as boas-vindas às visitantes com flores, danças e uma música da Ave-Maria de BACH GUNOT.

Durante o primeiro encontro, a Visitadora apresentou a Província: efetivos (145 Irmãs, 22 Comunidades), os apelos da Igreja, novas pobrezas, confiança na atualidade do espírito vicentino apesar da falta de vocações, importância de colaborar com os leigos. Com algumas palavras de agradecimento, Irmã Evelyne expressa sua alegria por esta visita e seu desejo de conhecer a Província. Em seguida, ela visita a Creche, o refeitório dos Migrantes e o Lar das Irmãs Idosas. Estas ficam admiradas com o sorriso e a simplicidade de Irmã Evelyne. No dia seguinte, Nossa Mãe vai a Fátima (120 km ao Norte de Lisboa) para encontrar-se com as Irmãs e visitar o Santuário das aparições da Virgem.

Durante seus diferentes encontros com as Irmãs Serventes e outras Irmãs, Irmã Evelyne insiste particularmente sobre:

- **A confiança na Providência.** As primeiras Irmãs portuguesas lançaram semente; ela não parou de germinar durante dois séculos. Deus continuará cuidando da Província para que ela mantenha seu dinamismo apesar de todas as dificuldades a superar.

- **Uma grande união com o Senhor** para escutar sua vontade e testemunhar sua caridade para com os pobres em todas as circunstâncias.

- **As Constituições e os Estatutos** que expressam o espírito e o carisma da Companhia são um caminho espiritual, um caminho apostólico e missionário, um caminho comunitário. A ação apostólica das Filhas da Caridade tira sua força na oração e na eucaristia. Como diz São Vicente: “Uma Filha da Caridade que comunga bem, faz tudo bem”.

- **A caridade de Cristo nos impele a servir os pobres** com alegria, generosidade e criatividade. Vivendo em plenitude a nossa resposta ao Senhor, nós contribuimos para o despertar de outras vocações. Os testemunhos evangélicos da vida fraterna em comunidade e do serviço dos pobres manifestam o rosto de Cristo e podem ser um apelo aos jovens. Mère Guillemin dizia que o mundo tinha necessidade de nosso testemunho que poderia veicular a ternura de Deus.

- **O desejo de progredir juntas para o Senhor e de se tornar cada vez mais servas humildes e caridosas** a fim de servir melhor os pobres. “*Dai-nos, Maria, a graça de nos tornarmos o que nós devemos ser*” como o expressou Notre Mère em sua oração.

Em Fátima, Notre Mère visitou:

- **O Santuário e a Capela das Aparições** recordando as 3 aparições do Anjo precursor em 1916 que parecem preparar as crianças às seis aparições da Virgem Maria que ocorreram o ano seguinte entre 13 de maio e 13 de outubro de 1917.
- **As casas dos videntes**, dos três pastorinhos (Jacinta, Francisco e Lúcia)
- **A Loca do Cabeço** onde o Anjo apareceu na primeira e terceira vez. Na primavera de 1916, por ocasião da Primeira Guerra Mundial, o Anjo se apresenta como “o Anjo da Paz”. Durante a terceira aparição, ele se apresenta como “o Anjo da Eucaristia” e dá a Santa Comunhão às três crianças.
- **O poço da casa de Lúcia** onde aconteceu a 2ª aparição durante a qual o Anjo se apresenta como “o Anjo de Portugal”.
- **A Cova da Iria** (lugar a 3km de Fátima) onde no dia 13 de maio de 1917, as três crianças vêm a virgem que lhes pede para virem seis vezes, no dia 13 de cada mês ao meio-dia.
- **O caminho de Valinhos** (perto da Cova da Iria) onde a Virgem aparece pela quarta vez no dia 19 de agosto (em substituição ao dia 13 visto que as crianças estavam presas neste dia 13 de agosto pelas autoridades civis, passaram um dia e uma noite na prisão na Vila Nova de Ourém).
- **O Calvário Húngaro** – Capela para celebrações e monumento em memória da crucificação.

Somos agradecidas a Notre Mère por sua visita. Obrigada pela riqueza das partilhas. Que esta reflexão comum seja uma ocasião de revitalizar nossa vida. Que Maria, Única Mãe da Companhia, Nossa Senhora de Fátima nos ajude a caminhar no caminho de nossa vocação.

Irmã Isabel Silva ALVES
Correspondente dos Ecos

VISITA DOS SUPERIORES

Irmã Evelyne Franc, Superiora geral
e Irmã Mariarosa Camminati, Conselheira geral

Visita da Província de Nápoles
18 - 24 de abril de 2007

De 18 a 24 de abril de 2007, a Província de Nápoles vive um tempo forte com a visita de Irmã Evelyne Franc, Superiora geral acompanhada de Irmã Mariarosa Camminati, Conselheira geral. A Visitadora, Irmã Vittoria Camiolo e algumas Conselheiras acolhem as visitantes no aeroporto. Desde que chegaram instaura-se um clima de sincera cordialidade.

No dia 19 de abril, na Casa Provincial, Notre Mère encontra-se com as Irmãs Serventes da Província; ela destaca alguns pontos particulares sobre a missão da Irmã Servente na Comunidade local: tomar o Cristo Servo por modelo, ser “mediadora” de Deus para as companheiras, promover a co-responsabilidade e a subsidiariedade, dar vida em comunidades alegres onde a diversidade é aceita como um enriquecimento que gera participação e diálogo aberto, discreto e prudente.

Em seguida, Mère Evelyne e Irmã Mariarosa partem para visitar as Comunidades da Sicília. Notre Mère convida as Irmãs a:

- renovar-se sempre mais no amor de Cristo e dos pobres,
- discernir a vontade de Deus com um espírito de desprendimento, de “ santa indiferença”,
- contemplar Maria, a mulher eucarística, totalmente disponível à vontade de Deus,
- revisar o estilo de vida próprio e a maneira de agir de uma Filha da Caridade,
- ser servas na gratuidade, engajando-se na defesa dos fracos sem reduzir a vocação a uma ajuda social.

Durante os primeiros dois dias, Notre Mère encontra-se com os membros da Família Vicentina e os funcionários de nossas obras (escolas, centros de acolhimento...).

Em Nápoles, Irmã Evelyne teve a oportunidade de partilhar com :

- As Irmãs jovens da Província. Ela as convida a tomarem bem consciência de que os entusiasmos, os medos e os desejos da juventude devem estar impregnados de um profundo espírito de fé, indispensável para viver a vocação de serva dos pobres.
- As Irmãs da Enfermaria. Notre Mère fica muito impressionada por suas manifestações de afeição, sua pertença à Companhia, sua serenidade diante das provações de saúde.

Irmã Evelyne agradece pela bonita colaboração vivida entre leigos, Irmãs, autoridade religiosa e autoridade civil... Ela parabeniza especialmente:

- aos professores e a todos aqueles que colaboram na formação das crianças, sobretudo, nos bairros difíceis,
- aos serviços sociais e aos voluntários a serviço dos doentes de AIDS, das pessoas idosas e dos pobres em domicílio.

No dia seguinte, Irmã Evelyne visita a *Casa Santa Luisa* de Molfetta, o *Instituto Santa Giuseppe* de Giovinazzo. No *Instituto San Vincenzo* de Brindisi, ela participa de uma grande festa cheia de cores e músicas, reunindo as crianças da Escola Materna, jovens do Centro de Acolhimento, professores, pais, J.M., voluntários vicentinos, e até mesmo o Bispo, o Prefeito e outras autoridades civis.

Mais felizes ainda ficam as Irmãs idosas que têm a possibilidade de cumprimentar Notre Mère e de conversar pessoalmente com ela de maneira simples e familiar.

Irmã Evelyne vai a “*Trullo*” da *Imaculada* em Selva di Fasano onde se reúne com as Irmãs das diferentes Casas das Pouilles. Em sua palestra, ela lhes faz alguns pedidos:

- aprofundar nosso espírito específico de Filha da Caridade, em particular a simplicidade para expressar claramente sua opinião com caridade,
- não se deixar envolver pela secularização dominante e apresentar gestos evangélicos “contra a corrente”.

Uma celebração eucarística encerra esta quinta jornada, sendo presidida por Monsenhor Beniamino De Palma, Arcebispo de Nola e concelebrada pelo Diretor Provincial, o Visitador e outros Padres da Missão.

Com as Irmãs da Campania, Notre Mère insiste sobre o valor das Constituições a ser considerada como expressão da vontade de Deus sobre elas. Ela ressalta a iminência das *Assembleias domésticas, provinciais e geral... que* nós devemos viver com alegria e discernimento; elas são a ocasião de redinamizar a vida de cada Irmã, de cada Comunidade local e da Província. Ela nos encoraja a amar fortemente todas as pessoas, no desprendimento do coração e senso da

gratuidade, com uma atenção particular aos jovens que precisam ser acompanhados para descobrir sua própria vocação.

Finalmente, Irmã Evelyne reúne-se com os leigos da Família Vicentina na sala do Auditório da Casa Provincial.

A noite deste dia pode-se resumir assim: “Busquemos viver o essencial do carisma de São Vicente: anunciar o Evangelho aos Pobres, aliviar seus sofrimentos por nosso testemunho”.

Um grande obrigada à Mãe Evelyne que, por sua presença disponível, serena e simples, provoca cada uma a se renovar interiormente para se tornar verdadeiras Filhas da Caridade segundo o coração de Deus e dos Fundadores.

Irmã Cecília Di GIUSEPPE
Correspondente dos Ecos

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província de Belo Horizonte

Enviados em missão à Cabaça
(Estado de Minas Gerais)

Introdução

Cumad'Idinha, Madinha Zila, Senhora Tiãna, Quelé Moio, Dão, Deguinho, Mazinho... eis alguns rostos e nomes conhecidos em Cabaça, situada no nordeste do Estado de Minas Gerais, a 36 km de Ninheira, no Vale de Jequitinhonha, uma das regiões mais pobres do Brasil por causa da falta de água.

Na verdade, Quelé Moio é o apelido do Senhor Clemente, pois, quando era criança, ele não comia sem uma tigelinha de molho ao lado do prato. Cada apelido, quase sempre, representa uma história. Por isso, não basta aprender apenas o nome das pessoas: o nome sozinho é quase anônimo, ele só toma corpo quando revela algo daquele que o carrega.

A fazenda Cabaça

Situada sobre o Rio Pardo de Minas na divisa com a Bahia, Cabaça reúne oitenta e seis famílias no total. Na Internet, não se encontra nenhuma informação sobre Cabaça, só Ninheira que fica a 36 km de Cabaça e a 700 km de Belo Horizonte, capital do Estado. Porém, Cabaça existe, eu vivi lá a Semana Santa com uma Irmã da Congregação Missionária da Imaculada. Com efeito, após um apelo feito pela Organização Responsável pelas Missões populares da Diocese de Janaúba, 97 Padres e Religiosas de 37 Congregações diferentes colocaram-se disponíveis e, assim como nós, foram enviados, dois a dois, às comunidades mais abandonadas para viver lá um tempo forte de evangelização.

Em Cabaça, não há nem televisão nem telefone e nem computador. Embora sendo estranha, eu me senti imediatamente perto da realidade de vida e fé das famílias de Cabaça.

Em 1989, uma grande empresa construiu uma barragem sobre o rio Pardo de Minas sem consultar os habitantes que cultivavam suas terras às margens do rio. A barragem matou o rio e inundou as terras. Os camponeses, deslocados, perderam suas terras cultiváveis. Agora, a preocupação principal dos camponeses é de ir buscar água num carro de boi para trazer às casas. A água fica muito distante e o abastecimento de água se torna um problema sério.

Os únicos que não reclamam da transformação da paisagem são os pescadores. Conheci Fernando e Ana que são profissionais neste setor. Registrados pela Secretaria Especial de aquicultura e pesca, eles recebem um salário e as mulheres têm direito à licença maternidade. Mas, no decorrer da nossa conversa deu para perceber a consciência ecológica que se desenvolve: pescar apenas peixes grandes, recolher o lixo e as embalagens vazias que estão na água, incentivar a população a preservar uma parte da floresta, perto da barragem que funciona como um “filtro” protegendo a água.

Os camponeses cultivam a mandioca e o feijão de acordo com as estações. “A mandioca é o nosso boi” dizia alguém. Infelizmente, a mandioca é pouco lucrativa e não pode garantir a vida de uma família numerosa. É necessário migrar para São Paulo em busca de um emprego nas empresas de construção. Isto obriga a deixar mulher, crianças, pais. Logo, é necessário encontrar um alojamento e aprender a viver numa cidade grande, o que exige um rito de iniciação para enfrentar este novo estilo de vida. Esta mudança de ambiente é vivida como um choque e corre-se o perigo de cair no alcoolismo.

As celebrações da Semana Santa

O povo, muito acolhedor, vive uma devoção popular, aceita nossas visitas e participa cada vez mais numeroso das diversas celebrações propostas:

Segunda-feira Santa: celebração eucarística, a participação é pouco numerosa.

Terça-feira Santa: procissão à Virgem Maria. Diante de poucos participantes, nós decidimos mudar o percurso para ir ao encontro daqueles que não participavam.

Quarta-feira, meditação sobre os encontros de Jesus com as pessoas. Fomos até às margens da barragem. As pessoas visitadas naqueles dias participaram com uma multidão de crianças!

Quinta-feira Santa: celebração da Ceia do Senhor na Capela. O povo tem sua maneira própria de participar, mas deixa-se tocar pela força dos gestos e dos símbolos. Eu fui lavar os pés das pessoas privilegiando as mais distantes. Podia-se ver o semblante de surpresa de alguns participantes e até a recusa de um dentre eles dizendo como Pedro: “*Você nunca vai lavar os meus pés!*”

Sexta-feira Santa: dia intenso. Fomos visitar algumas famílias e organizar as estações da Via-Sacra. Às 17 horas, início da Via-Sacra. Cada estação foi sinalizada por uma cruz e um símbolo da região (esteira de palha, carro de boi com a água, palma, uma planta de mandioca). A cena de Jesus na Cruz foi realizada pelos moradores. Os participantes eram numerosos.

Sábado Santo! Festa das crianças pela manhã com a apresentação da narração da Ressurreição. À noite, celebração pascal onde cada participante vinha acender sua vela no círio pascal. Em cada rosto que se iluminava considerávamos uma graça ter vivido os encontros desta semana. Ao final da celebração, partilha alegre de tudo o que tinham para a confraternização: mandioca, batata-doce, farofa de feijão, bolachas...

Conclusão

Antes de nossa partida, cada pessoa queria nos dar um abraço de despedida. *“Obrigado!... Não nos esqueça. Reze pelo meu filho que está em São Paulo...Escreva.... Olha um polvilho pra você. Leve este saco de peixinhos secos”*. Saímos da Capelinha, a noite estava linda e estrelada!

Esta missão popular, vivida com uma outra religiosa, me fez descobrir a riqueza da diversidade de nossos carismas e a importância de colocá-los em comum para uma melhor evangelização.

Irmã Heloisa HELENA
Filha da Caridade

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província de Curitiba

80 anos do Seminário de Curitiba
1927 - 2007

Introdução

Em 1904, famílias polonesas imigradas ao sul do Brasil pedem a vinda de Filhas da Caridade para a educação humana e cristã de seus filhos. Em resposta a seus pedidos, os Superiores enviam a Curitiba Irmãs polonesas da Província de Chelmno. As três primeiras Irmãs abrem a escola São José. Pouco a pouco, a confiança para com as Irmãs cresce e várias escolas abrem suas portas às crianças polonesas. Vendo este bom trabalho missionário, a Província de Chelmno envia 50 outras Irmãs de 1904 a 1933 para servir os pobres nas escolas, hospitais, visitas em domicílio, cuidado às pessoas idosas.

Um número significativo de jovens se apresenta para se tornar Filhas da Caridade e servir os pobres. De 1915 a 1927, 12 jovens são acolhidas no Seminário do Rio de Janeiro. Nesta época, as grandes distâncias, a distância da família, as realidades de vida diferentes, a aprendizagem da língua francesa provocaram a Responsável da Vice-Província de Curitiba a repensar o plano de formação e a sua colocação em prática.

O Seminário da Província de Curitiba (1927 -2007)

Em 1927, o Seminário começa com 4 postulantes na primeira Casa das Filhas da Caridade, na escola São José no povoado de Abranches, bairro perto de Curitiba. Depois de alguns trabalhos, o Seminário se organiza. Uma equipe de Formação assume sua missão até em 1933. Em 1933, o Seminário se instala na Casa Provincial de Curitiba.

Por ocasião do 80º aniversário do Seminário, nós relemos sua história em 4 grandes etapas.

1) De 1927 a 1947 com a Diretora Irmã Helena Bruska. Irmã Helena é polonesa e se preparou no Seminário do Rio de Janeiro. Durante 20 anos, ela assume com competência a direção do Seminário insistindo particularmente na vida de fé, na presença de Deus, na relação com Deus e na união fraterna. Toda formação era feita em língua polonesa. As Irmãs jovens aprendem, portanto, o polonês bem como a música, pois, depois da tomada de hábito, elas devem dirigir o coral nas Igrejas. Nos primeiros anos, as jovens são de origem polonesa. A partir de 1938, a lei da Nacionalização do ensino no Brasil foi votada. O Seminário acolhe jovens de outras

nacionalidades: portuguesa, italiana, alemã, ucraniana... A formação continua sendo feita em língua polonesa com tradução simultânea para aquelas que não falam o polonês. 178 Irmãs passaram pelo Seminário durante estes 20 anos.

2) De 1948 a 1967: com duas Diretoras: Irmã Salomé Detz (1948-1956) e Irmã Anna Maria Sawczuk (1957-1967). Este período é marcado pela nacionalização e a língua portuguesa. Curitiba, Vice-Província da Polônia (erigida Província em 1947) já tem várias Comunidades constituídas de várias nacionalidades: nos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

As duas Diretoras, de origem polonesa, se preparam primeiramente no Seminário da Casa-Mãe em Paris. As candidatas aumentam de maneira impressionante, muitas dentre elas são filhas de imigrantes. A formação tem como base o estudo das Regras comuns, as Conferências de São Vicente, a vida dos santos, os escritos dos Superiores. A ênfase é colocada na prática das virtudes, a fidelidade nos exercícios espirituais, a pobreza, a mortificação e os costumes da Comunidade. 486 Irmãs passaram pelo Seminário. A equipe de formação torna-se insuficiente pelo grande número de Irmãs.

3) De 1968 a 1988: 4 Diretoras do Seminário (Irmã Ferreira, Irmã Rosa, Irmã Remonatto e Irmã Folador). Esta etapa, marcada pelo Concílio Vaticano II, sofreu uma grande transição nas fases de formação. Mère Guillemin, Superiora geral, dá orientações para adaptar a formação de acordo com as instruções do Concílio (diálogo, obediência responsável, coresponsabilidade, volta às fontes...). Em vista desta finalidade, um *Seminarium* foi organizado na Casa-Mãe para as Diretoras do Seminário. Esta etapa foi também marcada pela mudança de hábito para as Irmãs jovens. As mutações na Igreja e no mundo exigiram esforços suplementares para uma verdadeira formação das Filhas da Caridade: prioridade dada ao conhecimento da vida dos fundadores, a história e o espírito da Companhia. Estágios apostólicos entram no percurso de formação. As jovens Irmãs acompanham também cursos de formação Inter-congregacional para noviços (as). Os planos de formação são adaptados às necessidades do tempo e dos apelos da Igreja, da Companhia e dos pobres. 202 Irmãs passaram pelo Seminário durante este período.

4) De 1988 a 2007, 3 Diretoras: Irmã Pereira, Irmã Machowski, Irmã Remonatto. Durante esta etapa, o objetivo da formação é de formar jovens segundo o carisma de São Vicente enfrentando os desafios de hoje. O que marca mais especialmente esta etapa é o estudo das Constituições e Estatutos de 1983, da Palavra de Deus e das orientações da Igreja. Os estágios apostólicos permitem confrontar a maneira de servir os pobres de acordo com as Constituições. A formação humana, espiritual e vicentina ganham em amplitude. 124 Irmãs passaram pelo Seminário. O caminho de formação é talvez uma realidade mais difícil a viver considerando o contexto atual de nossa sociedade. Porém, o Seminário conta com 12 jovens Irmãs.

Conclusão

Recordando a vivência destes 80 anos, nós constatamos o esforço de inculturação realizado no transcurso dos anos. Damos graças a Deus pela formação prodigiosa de 990 Filhas da Caridade para se tornarem humildes Servas dos Pobres. Pedimos também perdão por nossas incoerências na formação das jovens Irmãs e contamos com sua ajuda para continuar caminhando no amor à Companhia e confiança no futuro.

Equipe de formação do Seminário

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província de Fortaleza

17º Encontro dos Conselhos interprovinciais do Brasil e encerramento do ano Jubilar da Província de Fortaleza 7 - 15 de fevereiro de 2007

Introdução

O ano Jubilar para celebrar a fundação da Província de Fortaleza que foi aberto no dia 31 de janeiro de 2006 encerrou-se no dia 11 de fevereiro de 2007 com tempos de ação de graças e de engajamentos.

Encontro dos Conselhos Interprovinciais

Durante este ano de 2007 realizou-se também em Fortaleza o 17º Encontro Interprovincial das 6 Províncias do Brasil. Este 17º Encontro começou em 8 de fevereiro de 2007 pela palavra de acolhimento de Irmã Corina Bastos, Visitadora de Fortaleza: *“Amplia o espaço da tua tenda, desdobra sem constrangimento as telas que te abrigam, alonga tuas cordas, consolida tuas estacas”* (Isaías). Cada Província é uma “tenda” e os seis Conselhos do Brasil têm a missão de reforçar as estacas, de alongar as cordas da fraternidade e da partilha.

A avaliação do 16º Encontro Interprovincial, apresentada por 6 tendas distribuídas na casa simbolizando as 6 Províncias valoriza os pontos comuns vividos pelas Províncias do Brasil de 2004 – 2006 a partir dos dois temas:

- Revitalizar a paixão por Jesus Cristo
- Viver uma caridade criativa

Quadros vivos, colocados ao longo dos corredores, atraem a atenção e nos preparam a viver o tema deste 17º Encontro: **“A Caridade transfigura a vida e o serviço da Filha da Caridade”**.

A celebração de abertura do Encontro coloca em cena uma jovem filha do povo abrindo a porta do Céu onde os pobres acolhem as Irmãs: uma maneira de representar a realidade dos excluídos da América Latina no centro de nosso serviço.

As conferências de 9 e 10 de fevereiro apresentam as condições para um serviço mais livre e comprometido com o serviço dos pobres.

Em primeiro lugar, o Padre João Batista Libânio tratou sobre o tema: “O poder de transfigurar o sócio-político-econômico e religioso levando em conta a pessoa dos pobres”. Ele explica o impacto das 4 dimensões sobre os pobres e as soluções que eles podem dar. Frequentemente, as soluções são encontradas negligenciando a tomada de consciência dos excluídos. Querer mudar a realidade dos outros sem sua participação é demonstrar paternalismo.

No dia seguinte, o Padre Javier Alvarez, Diretor geral, apresenta “O profetismo da Filha da Caridade na pós-modernidade”. Os dois tempos do profetismo são uma profunda experiência de Deus e um compromisso no meio do mundo para torná-lo mais conforme aos desígnios de Deus. Por natureza, a Companhia é profética desde que seja fiel ao carisma.

A mística vicentina é baseada no reconhecimento do Pobre como sacramento. Por isso, o lugar da contemplação de uma Filha da Caridade é o mundo, a ação, o serviço. Contemplando o

mistério de Deus, as Irmãs aprendem a reconhecer quem está por trás do rosto do Pobre. Esta maneira de ver é profética. A mística vicentina não se improvisa, ela se prepara na oração.

A resposta da Companhia não pode ser outra que o de testemunhar Cristo Servo. A opção pelos pobres, inerente ao seguimento de Cristo, supõe a defesa dos direitos do pobre e a denúncia de estruturas opressoras. Os desafios são inúmeros. Respondê-los passa pelo caminho da conversão pessoal e comunitária. O futuro da Companhia depende da capacidade e da decisão para continuar o profetismo de Cristo na sociedade atual. A Filha da Caridade que vai aos pobres é uma parábola viva do Evangelho.

Encerramento do Jubileu de Ouro da Província de Fortaleza, em 11 de fevereiro de 2007

No domingo, 11 de fevereiro foi encerrado o Ano Jubilar da Província de Fortaleza no Colégio da Imaculada Conceição. Foi um tempo forte e belo para todos.

Durante a celebração eucarística, demos graças ao Senhor por nos ter acompanhado e conduzidos durante estes 50 anos de vida a serviço dos pobres. O celebrante, Dom José Antônio Aparecido Torsi, Arcebispo de Fortaleza, terminou sua homilia dizendo: *“A festa do Jubileu é uma verdadeira anunciação: felizes as Filhas da Caridade, porque, por atos de bondade, elas dão muitos frutos em todo o tempo”*.

No momento da ação de graças, Irmã Corina Bastos nos enviou pronunciando as mesmas palavras do Padre Etienne, na hora da partida das primeiras Irmãs missionárias ao Brasil: *“Parti, minhas Irmãs, parti! Levando numa das mãos o archote da fé e na outra, a chama da Caridade”*. Os compromissos assumidos pela Província serão as bagagens para nossa viagem de retorno aos nossos trabalhos.

À tarde, chega Notre Mère. Ela nos falou com convicção sobre o tema “Carisma, força de transformação no serviço das Filhas da Caridade”: *“O carisma é um dom do Espírito que age na Igreja. Ele possui um poder transformador para a Filha da Caridade que se traduz numa caridade simples e humilde, base da evangelização”*.

Irmã Evelyne encontra-se também com os seis Conselhos Provinciais, as Irmãs Serventes, as Irmãs Jovens, os JMV e visita a Comunidade Margarida Naseau onde os pobres são acolhidos.

No dia da viagem, levamos em nossa bagagem estes dois compromissos :

- Ir aos Pobres com o vigor profético de nosso carisma: zelando para que os pobres sejam os atores de seu próprio desenvolvimento.
- Ler e meditar o lugar do pobre na Bíblia como fundamentos de nossa doação a Deus, de nossa vida fraterna e de nosso serviço.

Resta-nos somente agradecer ao Senhor pelas maravilhas realizadas durante estes dias de encontro. Nosso agradecimento a todos os participantes: *“A força do Reino age no mundo, na Igreja, na Companhia e em nós. Esperamos que Ele continue agindo”*.

Irmã Dijesu PINTO
Correspondente dos Ecos

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Províncias da Itália

Sessão de formação das Irmãs jovens
Casa-Mãe, agosto de 2007

No fim de sua Sessão de formação na Casa-Mãe, as Irmãs jovens das Províncias da Itália partilham sua experiência através de uma carta dirigida aos Fundadores.

Querido Vicente e querida Luísa,

Ao final desta Sessão, queremos manifestar nosso reconhecimento pelo acolhimento que vocês nos reservaram em seu país.

Em primeiro lugar, queremos agradecer-lhes por nos terem convidado. A viagem que nos trouxe até vocês foi longa, algumas por avião, outras de trem. Pudemos constatar a diferença que se percebe, ainda hoje, entre a extensão dos campos com as casinhas espalhadas e a magnificência de Paris. Quem sabe o que devia ser em seu tempo!... Talvez, seja por isso, que você Vicente, dizia sentir em seus ombros o peso dos muros da cidade quando entrava nela!

Queremos também agradecer-te de uma maneira especial, a você Luísa, por teu acolhimento em nossa chegada na Casa-Mãe. Foi emocionante entrar na grande Capela onde tu repousas e sermos acompanhadas por ti ao encontro do Senhor no mesmo lugar em que aconteceu o encontro particular entre Maria e Irmã Catarina.

Querido Vicente e querida Luísa, nós também agradecemos-lhes pelos Irmãos e Irmãs que são suas vozes hoje: Irmã Evelyne, Irmã Mariarosa Camminati, Irmã Claire Herrmann, Irmã Elisabeth Charpy, Irmã Palmarita, os Padres Xavier e Julian... cada um deles nos ofereceu uma chave de leitura para reler em nossa vida a experiência do carisma de vocês. Reconhecemos realmente sua presença atenta através da disponibilidade de nossas incansáveis tradutoras.

Quando cada Conselheira geral nos falou das Províncias que lhes são confiadas, parecíamos sentir sua santa alegria e seu reconhecimento ao Senhor da Caridade pela sua bondade para com a Companhia que, no mundo inteiro, une, serve e ama os pobres.... Em nossa reunião fraterna com as Irmãs das 15 Províncias da América Latina, nós fizemos também a experiência de expressões diversas de nosso carisma: através dos seus cantos e danças nós encurtamos a distância linguística para nos encontrar numa única festa do carisma.

Um outro momento de grande emoção para nós, querido Vicente, foi a visita ao teu país de origem. O duração da viagem em trem, – devido ao número de quilômetros que separam Paris de Pouy (chamado hoje São Vicente de Paulo), – nos permitiu contemplar tuas Landes, teus campos, teus bosques, teus pinheirais... Em seguida, no Berceau, um sol esplêndido, bem mais quente e vigoroso do que o de Paris, nos acolheu: parecia-nos que isto justificava bem teu temperamento, querido Pai! Entramos em tua casa sentindo-nos esperadas. O “Berceau” de teus primeiros anos e de tuas obras de caridade também é nossa casa. As comunidades das Filhas da Caridade e dos Padres da Missão nos reservaram um acolhimento festivo; a macarronada do jantar nos falou, melhor do que tudo, a hospitalidade de teu povo!..... Em seguida, uma recreação com um grupo de jovens landeses nos permitiu expressar, pelo canto e a brincadeira, a alegria de ser teus hóspedes.

Depois da visita de tua região, nós te encontramos na Capela, lá onde repousas junto de Francisco Régis Clet e de João Gabriel Perboyre.

As ruas da bonita cidade de Paris, seus museus, suas Igrejas, nos transmitiram a vitalidade dos círculos culturais e espirituais que vocês conheceram juntos e com a qual contribuíram levando a ela a caridade de Cristo.

As estradas parisienses conservam ainda a memória de sua viva herança: demos um passeio na rua onde Frederico Ozanam conversava e discutia com seus colegas estudantes sobre projetos de serviço para os mais pobres; visitamos a casa de Santa Catarina em Reuilly e o bairro Mouffetard de Irmã Rosalie Rendu. Não escondemos o santo orgulho que sentíamos em fazer parte desta família de santos, mas reconhecendo imediatamente a responsabilidade que isto nos impunha.

Queridos Vicente e Luísa, haveria ainda muitas coisas para dizer, mas nós não queremos tomar o tempo de sua oração de intercessão pela Família Vicentina. Por outro lado, nos é difícil resumir em algumas linhas a graça vivida ao longo destes 15 dias tão intensos.

Pedimos-lhes agradecerem conosco ao Senhor que permitiu a realização desta Sessão. Pedimos-lhes que nos retribuam esta visita tornando-se sempre mais presentes em nossas Comunidades locais e em nossas Províncias, comprometidas numa caminhada interprovincial que lhes seja agradável. Olhem também com bondade para todas as pessoas que encontramos e com as quais nós nos empenhamos, dia após dia, a construir o reino de Deus. Cumprimentamo-los abraçando-os bem forte.

Irmã Annamaria CORALLO
Filha da Caridade

PALAVRA DOS POBRES

Província do Japão

A piscada de olho de Hiyo

Hiyo é uma menininha que nasceu com lábio leporino. Em nosso Centro de bebês, havia uma tendência a evitá-la por causa da dificuldade de amamentá-la na mamadeira. Além do mais, seus gritos eram extremamente fortes, seu olhar penetrante parecia observar tudo.

Graças a uma excelente professora, Motoko, Hiyo crescia com boa saúde. Era um bebê muito inteligente e vivo. Porém, eu me preocupava de nunca tê-la visto sorrir. Um dia, Motoko e eu tentamos chamar por seu nome muitas vezes. Finalmente, nós a vimos sorrir fraquinho. Naquele momento, compreendi que a fita adesiva que estava em seu lábio a impedia sorrir. Então, eu mudei de meio de comunicação com ela: cada vez que eu a via, fazia-lhe uma piscada de olho. Hiyo, também, começou a me fazer uma piscadinha.

Hiyo já andava antes de seu primeiro aniversário. Logo após seu aniversário, Motoko levou-a ao hospital para uma intervenção cirúrgica que, felizmente teve êxito.

No dia seguinte da intervenção, fui às pressas ao hospital para vê-la porque ela estava sozinha. Logo que cheguei, reconheci suas lágrimas. Corri até seu quarto e gritei “Hiyo” vendo-a em uma cadeira de rodas com soros e um tubo no nariz. Imediatamente, Hiyo virou a cabeça fazendo-me uma piscada com sua bochecha toda inchada.

Irmã Mary Louise OSE
Filha da Caridade

BEATIFICAÇÃO DE IRMÃ LINDALVA, DIA 2 DE DEZEMBRO DE 2007

SUA JUVENTUDE

Nascida no dia 20 de outubro de 1953 no Brasil, na aldeia de Açú, Estado de Rio Grande do Norte, Lindalva é a 6ª de uma família de 15 filhos. Seus pais muito católicos têm uma fé simples e profunda.

A FELICIDADE NO AMOR

Lindalva recebe uma educação cristã comum. Menina generosa, ela ajuda sua mãe facilmente na casa. Quando acontece alguma disputa entre seus amigos, ela sempre tenta acalmá-los com doçura. Atenta ao infortúnio dos outros, ela visita pessoas que vivem sozinhas ou pobres de sua cidade; aconteceu-lhe até mesmo dar-lhes, na discrição, suas próprias roupas. Progressivamente, ela compreende que seu caminho é o de Cristo que vai ao encontro dos pobres para testemunhar-lhes o amor de seu Pai. Após seus estudos de Assistente em Administração, ela cuida de seu pai idoso e doente. Após seu falecimento, Lindalva pede sua admissão na Companhia das Filhas da Caridade: “Tenho 33 anos, sou de uma família simples e honesta. Faz muito tempo que sinto o desejo de entrar na vida religiosa, mas somente agora estou disponível a seguir o chamado de Deus. Gozo boa saúde e me sinto incansável para fazer o bem...”

SUA VOCAÇÃO DE FILHA DA CARIDADE

No dia 16 de julho de 1989, Lindalva ingressou no seminário das Filhas da Caridade na Província de Recife. Enviada em missão em 1991 ao Abrigo Dom Pedro II, em Salvador, Estado da Bahia, ela é encarregada da coordenação do serviço dos homens idosos ou doentes.

UM CORAÇÃO ALEGRE E GENEROSO

Lindalva ama as pessoas idosas com um coração manso e humilde; olha-os com espírito de fé como seus senhores e mestres: “Peço a Deus que nos conceda sua sabedoria e sua docilidade para bem servir os pobres, nossos mestres”. Ela compreende a vocação como uma resposta à vontade de Deus: “Quando Deus chama alguém, não adianta se esconder. Mais cedo ou mais tarde, a vontade d’Ele prevalecerá”. Sua fé é uma adesão simples e total aos acontecimentos da vida que ela acolhe como um dom e um apelo de Deus: “Cada dia de nossa vida deve ser um dia de renovação e agradecimento a Deus pelo dom da vida e de seu chamado a seguir seu Filho, Jesus Cristo servindo-O nos pobres”. O elã de seu coração torna-a capaz de vencer todas as dificuldades: “Em todos os momentos das minhas orações, sinto um desejo tão grande do amor de Deus que um dia vou conseguir, nem que seja no último dia da minha vida”. Ela sabe partilhar sua fé com outros jovens e animar as companheiras em dificuldades: “Quando a dúvida de nossa vocação inquietar nosso coração é necessário entregar-se totalmente a Deus”.

SEU MARTÍRIO, UMA SEXTA-FEIRA SANTA

“É carregando a Cruz que conhecemos o amor de Deus”. Estas palavras que a própria Irmã Lindalva pronunciou ressoam de maneira profética.

SERVA À MANEIRA DO CORDEIRO

Enérgica, sorridente e disponível, Lindalva irradia a presença de Deus; ela vive sua vocação de serva dos pobres com um espírito de justiça petrificado de amor: ela ama cada um sem favoritismo e sem discriminação.

Na Sexta-Feira, 9 de abril de 1993, ao raiar da aurora, Lindalva participa com suas companheiras da Via-Sacra na Paróquia: a Cruz é o sinal do amor que se dá até ao extremo: “Pai, perdoai-lhes, eles não sabem o que fazem” (Lc 23,34).

Ao regressar, Lindalva prepara, como todas as manhãs, o café da manhã para os residentes. Logo que ela começa seu serviço, é brutalmente assassinada por um doente de 46 anos invadido pela loucura da violência: ele não suportava que ela resistisse às suas solicitações.

Esta jovem Filha da Caridade certamente não pensava de morrer tão cedo. Tendo feito de sua vida uma oferenda, ela testemunha por sua morte que: “Não há maior amor do que dar sua vida por aqueles que se ama” (Jo 15,13).

ESPECIAL DO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE MÈRE SUZANNE GUILLEMIN

Mère Suzanne Guillemin
1906 - 1968

Filha de Deus – Filha da Igreja
Superiora geral da Companhia

V - MÉRE GUILLEMIN E O CONCÍLIO VATICANO II (continuação)

A 3ª Sessão do Concílio Vaticano II foi aberta no dia 14 de setembro de 1964 por uma concelebração: 24 bispos ao lado de Paulo VI de acordo com a Constituição sobre a liturgia votada em 1963. Os 2.000 Bispos enchem a nave. Ao pé da tribuna Santa Helena estão os Observadores, as Auditoras, não! A nomeação delas foi apenas anunciada, mas as eleitas ainda não estavam designadas.

Depois da Missa, o Papa leu seu discurso “exaltação da colegialidade” escreve o cronista do jornal “La Croix”. O Papa descreveu o que podia e devia ser a obra do Concílio neste aspecto. Quando ele definiu os poderes e a relação dos bispos com o Papa em termos de associação, a atenção cresceu entre os bispos. A julgá-los por suas atitudes alguma coisa precisa e definitiva foi dita nesta hora... na medida em que o Papa se aproximava do fim, sua voz se tornava mais forte para lamentar a ausência dos bispos privados de liberdade. Em seguida, ele cumprimentou os observadores e terminou com uma evocação das Igrejas “objeto de nosso desejo e de nossas lágrimas”. O Pastor Boegner dirá a este respeito: tenho a acrescentar o quanto fiquei emocionado com as palavras que o Papa dirigiu aos observadores e aos convidados do Secretariado para a Unidade. Parece-me impossível que este impressionante apelo à Igreja de sua dor e de sua esperança não tenha sido enviada a todas as “comunidades separadas”... assim que os chamava de ordinário. Esta seria então a primeira vez que Paulo VI teria dado às nossas Igrejas, originadas da Reforma, **o nome que elas têm consciência de levar.** (La Croix de 18 de setembro de 1964).

Esta terceira Sessão, complexa em seu desenvolvimento, foi precedida e marcada de eventos importantes que Mère Guillemin viveu em sua alma e consciência com uma grande alegria pensando em sua grande Comunidade. Antes de nos familiarizar com os trabalhos previstos pela sessão, algumas novidades na história do Concílio merecem ser mencionadas ou lembradas e isto antes de entrar em profundidade no assunto das questões às quais é necessário responder, apesar das dificuldades que ainda preocupam os Padres. Muitas questões teológicas permanecerão abertas para o pós-Concílio “*para abrir horizontes mais vastos e fazê-las chegar às fontes do rejuvenescimento de toda teologia...*”. Estas palavras são assinadas Joseph Ratzinger sem mais, num comentário sobre a colegialidade.

ALGUNS ACONTECIMENTOS

1 – A PEREGRINAÇÃO DE PAULO VI EM TERRA SANTA: 4-6 DE JANEIRO DE 1964

No fim de sua mensagem de Natal, o Santo Padre havia especificado o objetivo da viagem: “Declaramos abertamente que esta peregrinação quer ter um caráter e objetivos exclusivamente religiosos”, peregrinação de oração e de penitência depois de 20 séculos de história, nos lugares onde Jesus realizou nossa Redenção. O Osservatore Romano, a grande imprensa deu amplos detalhes sobre o encontro entre Paulo VI e o Patriarca Atenágoras.

Mère Guillemin viveu esta peregrinação com devoção e de maneira especial a partir de 9 de janeiro, suas Irmãs da Palestina enviaram-lhe uma relação emocionante. Irmã Dupont-Ferrier, Visitadora na época, descreveu brevemente as duas alegrias provocadas por esta visita: *“As Irmãs de Betânia com as crianças, palmas na mão, agrupadas num percurso previsto, aclamaram o Santo Padre e receberam sua bênção. À tarde em Gethsêmani, tivemos a consolação de uma vigília com o Soberano Pontífice; lá, realmente, nós o escutamos e rezamos com ele. A hora santa terminou pela recitação do Pai-nosso, minuto inesquecível como aquele onde se ouviu a voz profundamente emocionante do Vigário de Cristo recitando sua oração”*. É impossível completar em detalhe uma longa relação sobre o acontecimento partilhado com Mère Guillemin numa profunda alegria. Para terminar, convém mencionar a reflexão de um alto funcionário, Diretor do Serviço para os assuntos cristãos em matéria de culto, caracterizando a visita ao seu justo valor: *“é um acontecimento cuja dimensão nos excede atualmente. Somente as gerações futuras, falando desta página de história, poderão medir suas proporções”*. Mère Guillemin não manteve para somente para si esta longa carta de nossas Irmãs da Palestina de então, o Eco da Casa-Mãe de fevereiro de 1964 a retomou em sua totalidade.

No dia 16 de janeiro, ela recebe do Substituto Monsenhor Dell Aqua, a carta de agradecimento aos votos de Natal dirigidos ao Santo Padre. Algumas linhas recordam o acontecimento de Jerusalém: *“Sêde assegurada que com as dignas Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, vocês não estiveram ausentes de sua oração sobre as estradas da Palestina, e que ele pediu por vocês ao Senhor a graça de continuar dando ao mundo o vivo testemunho de caridade evangélica...”*.

2 – A FÓRMULA “CORPUS CHRISTI”

No mês de abril do ano de 1964 publicou-se um documento da Congregação dos Ritos. De acordo com este documento, o Soberano Pontífice modificou a fórmula utilizada para a distribuição da Santa Comunhão. Em vez de dizer “que o Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo guarde tua alma para a vida eterna. Assim seja”, o Padre diz somente a cada um: **“Corpus Christi”** (o Corpo de Cristo) e o comungante responde: **“Amém”**.

A outra fórmula era realmente muito longa e impraticável para os dias de grande afluência. É preciso situar a motivação do novo uso no conjunto da reforma litúrgica empreendida pelo Concílio Vaticano II.

Mère Guillemin, depois de uma reflexão com o Padre Jamet, na ocasião Diretor geral da Companhia e seu Conselho, pediu para colocar o decreto no Eco da Casa-Mãe a partir do mês de maio a fim de que a Companhia inteira pudesse aprofundar a nova fórmula com o amém que se torna: “Sim, eu acredito na realidade do Cristo vivo”.

3 – OUTRAS DATAS NOS LEMBRAM ATOS IMPORTANTES

23 DE SETEMBRO

O Papa tinha assistido à Missa do Concílio durante a qual, a **reliquia da cabeça de Santo André** foi venerada pela Assembléia Conciliar antes de ser restituída à metrópole de Patras na Grécia alguns dias depois.

A cabeça de Santo André tinha sido levada à Roma no dia 21 de abril de 1462 e recebida santamente pelo Papa Pio II, que a levou em suas próprias mãos à Roma onde ela foi depositada na basílica de São Pedro. Este mesmo Papa diz nesta ocasião sobre esta preciosa relíquia: *“Tu voltarás gloriosamente à tua pátria quando Deus quiser. Poderíamos então dizer “Ó feliz exílio que faz retornar um tal socorro”*.

No dia 26 de setembro, sua Eminência o Cardeal Bea pronunciou a alocução do retorno na grande praça diante de Monsenhor Constantin, metropolitano de Patras, a princesa herdeira Irène, o Presidente do Conselho e diante de uma multidão ortodoxa porque este dia da restituição da relíquia de Santo André foi declarado **dia de festa religiosa para a Grécia**.

30 DE SETEMBRO

Mère Guillemin está no Concílio desde o dia 28, e o acontecimento é importante para ela. A Assembléia decidiu dedicar **um capítulo particular à vida religiosa na Constituição sobre a Igreja**, após o capítulo V dedicado à santidade em geral.

13 DE NOVEMBRO

A Missa foi uma solenidade excepcional. O Patriarca Maximos celebra a Missa da festa de São João Crisóstomo. O Papa preside a liturgia. Em vez de um discurso, ele faz um gesto: **sua tiara é oferecida aos pobres**. A explicação foi apresentada por Monsenhor Felici ao término da Missa: *“Ouvimos nestes dias, por ocasião dos debates do esquema XIII, o grito da pobreza que sobe até o céu. Para responder este apelo que nos impele, o Papa decidiu oferecer sua tiara aos pobres”*. O gesto é simples, o Papa, sem nada dizer, deposita-a sobre o altar da concelebração. Depois de ter abençoado o ícone dos Santos Cirilo e Metódio, ele se retira sob aplausos da multidão.

21 DE NOVEMBRO

Encerramento solene da terceira sessão do segundo Concílio ecumênico do Vaticano pela Santa Missa concelebrada pelo Santo Padre Paulo VI com 24 Padres Conciliares que têm no território de suas dioceses um dos grandes santuários mariais. O significado da concelebração é claro: a Eucaristia celebrada por vários Padres no mesmo altar, a comunhão do mesmo pão e do mesmo cálice, mostram claramente a unidade do sacerdócio e da Igreja. A Constituição **“De Ecclesia”** é votada. Em seu discurso de encerramento, o Papa proclama Maria **“Mãe da Igreja”**.

MÈRE GUILLEMIN... AUDITORA

FOTOS

MARIA NO MISTÉRIO DE CRISTO E DA IGREJA

Mère Guillemin não era estranha a todo este desenvolvimento antes de sua chegada como auditora do Concílio. Ela tomou o trem em movimento com facilidade. A imprensa, o rádio, a televisão mantinham o mundo em expectativa. É necessário assinalar os comunicados da imprensa do Concílio cuja qualidade não cessou de se afirmar.

O problema do lugar e do papel de Maria na Igreja lhe deu momentos de angústia. Desde o começo dos trabalhos na primeira sessão, este foi o assunto. Ela sabia que haviam sido debatidas

duas questões: é preciso falar sobre Maria num esquema independente ou fazê-lo no contexto da doutrina da Igreja? A metade da Assembléia se pronunciou pela segunda proposição: “*A razão e a própria honra da Santíssima Virgem exige que dê a este esquema seu devido lugar no coração da Igreja e não à margem*”. O objetivo procurado era de evitar a impressão de que Maria constitui no plano da criação e da graça, um elemento a parte e isolado. No final da segunda sessão, o Papa Paulo VI não tinha dito: “*Nós esperamos que o Concílio dê à questão do esquema sobre a Virgem, o melhor resultado possível*”? Assim foi feito. Maria terá seu lugar na Constituição Lumen Gentium, capítulo oitavo, com o título: “**A Bem-aventurada Maria, Mãe de Deus no mistério de Cristo e da Igreja**”.

MARIA MEDIADORA

O título de mediadora criava problema. As dificuldades, as divergências não eram sobre a devoção marial, mas sobre uma expressão da doutrina marial. Duas tendências animavam o debate: uma descrevia o papel materno de Maria a respeito dos fiéis, sem prejudicar a única mediação de Cristo; a segunda especificava que em função de seu papel materno, a Virgem Maria **habitualmente** recebe o de mediadora compreendendo que ele não influencia em nada à eficiência da única mediação de Cristo.

Desde a abertura do debate, um Cardeal não hesitou em proclamar sua alegria: “*Este título de mediadora me é soberanamente agradável... poder-se-ia talvez acrescentar ‘mediadora junto ao Mediador’*”.

Outro Cardeal recordou as preocupações ecumênicas mencionando as dificuldades decorrentes do termo de mediadora.

Um grupo de 90 Bispos não hesitou em dizer sua observação: “*É melhor o silêncio sobre o termo de mediadora*”.

O Cardeal Bea, depois de uma longa intervenção distinguindo a devoção pessoal e as exigências ecumênicas de nosso tempo, termina por um argumento forte: “*Por consequência, há perigo de que a mediação marial seja mal compreendida, se ela é proclamada num texto conciliar, nós vamos ao encontro de sérias dificuldades*”.

As oposições se afirmaram claramente: por ou contra a mediação e uma terceira via desejava manter o título de “mediadora”, mas fora de toda sistematização teológica.

Depois das intervenções, a Comissão retomou a base e estima que as objeções feitas ao título de mediadora provinham mais do temor de que este título fosse mal-compreendido do que de uma oposição ao papel da Virgem na obra da salvação; também, **teria ela preferido manter o título explicando-a**.

Os Padres votaram, pois, o seguinte texto publicado no capítulo VIII, n° 62:

“... *Seu amor materno a torna atenta aos irmãos de seu Filho cuja peregrinação não está acabada ou que se encontram comprometidos em perigos e provações até que eles cheguem à pátria feliz. É por isso que a Bem-aventurada Virgem é invocada na Igreja sob os vários títulos como advogada, auxiliadora, socorro, mediadora, tudo isto, porém, compreendido de forma que nenhuma derrogação, nenhuma adição resulta quanto à dignidade e à eficácia do único Mediador, Cristo*”. **O termo Maria Mediadora foi então mantido.**

MARIA, MÃE DA IGREJA

Primitivamente, o texto conciliar não falava de Maria Mãe da Igreja; o repórter do texto explicou que o título de Maria Mãe da Igreja não tinha sido mantido porque era relativamente recente. Os Padres Conciliares estimavam chamar Maria, mãe dos fiéis e, por outro lado, do ponto de vista de ecumênico, o título não era aconselhável, acrescentava a comissão.

Por muito tempo, o Papa pensou em proclamar Maria, Mãe da Igreja. Desde a sua primeira intervenção no Concílio, o Cardeal Montini falando de Cristo, centro da Igreja, havia evocado na Igreja o lugar singular de Maria que ele chamava, desde aquele momento, **Mãe da Igreja**. Em outras ocasiões, o Papa voltou a falar sobre o tema para situar melhor Maria no conjunto da doutrina da Igreja. *“Estamos felizes de anunciar-lhes que nós terminaremos esta sessão do Concílio Ecumênico que definiu a doutrina da Igreja na alegria de reconhecer em Nossa Senhora o título que bem lhe convêm de Mãe da Igreja, Mater Ecclesiae”*.

Foi, pois, no dia 21 de novembro, numa sessão pública, transmitida em Eurovisão durante a qual o Santo Padre concelebrou com 24 Padres que têm santuários mariais na diocese que a Constituição sobre a Igreja foi promulgada e, para concluir, com uma grande emoção, Paulo VI anunciou o lugar privilegiado reconhecido pelo Concílio à Virgem na Santa Igreja.

“É então à glória da Virgem e ao nosso conforto que nós proclamamos Maria Santíssima MÃE DA IGREJA, isto é, de todo o povo de Deus bem como dos fiéis quanto dos pastores, que nós chamamos Mãe amorosa e queremos que, daqui em diante, com um tal título, muito carinhoso, a Virgem seja ainda mais honrada e invocada por todo o povo cristão”.

Estas palavras apenas pronunciadas, os Padres levantam-se para dar seu consentimento e acordo na decisão do Papa. Muitos Padres tiram sua mitra em sinal de devoção e de consentimento. Os aplausos não terminavam.

Depois da primeira experiência de Auditora no Concílio Ecumênico Vaticano II, Mère Guillemin está numa alegria interior profunda. As discussões referentes à Maria a haviam impressionado. A piedade para com a Virgem Maria não faz parte da espiritualidade da Companhia? Não é uma tradição que nos vem dos fundadores, que acompanhou a vida da Companhia durante três séculos de existência? Luísa de Marillac não teve a grande audácia de considerar como filhas da Virgem Maria, a um título todo especial, as Filhas da Caridade: *“Senhor, vós nos inspirastes fazer a escolha de vossa Santa Mãe por única Mãe de nossa pequena Companhia que nunca conhecerá outra igual na terra...”* e, algum tempo depois, ela se dirigiu novamente a Maria: *“Eu não me enganei, Virgem Santa, ao pensar que vós aceitaríeis ser nossa única Mãe. Podemos pretender na qualidade de vossas filhas, já que vós sois a Mãe de Jesus que é nosso irmão e que fazemos profissão particular de tornar-nos semelhantes a Ele”*.

Luísa de Marillac não permanece nestas considerações e com a autorização de Padre Vicente, ela vai à Chartres em peregrinação. Sua carta ao Padre Vicente logo que retornou é clara: *“... oferecer a Deus as intenções de sua Providência sobre a Companhia da Caridade, oferecendo-lhe inteiramente a dita Companhia e pedindo-lhe sua destruição antes que ela se estabelecesse contra sua santa vontade; pedindo-lhe para ela, pelas orações da Santa Virgem, Mãe e Guardiã da dita Companhia, a pureza da qual ela precisa e a fidelidade de todos seus membros”*.

Luísa de Marillac colocou suas filhas nos braços de Maria. Ela foi ainda mais longe, pedindo numa carta de 7 de dezembro de 1658 *“de querer colocar no dia seguinte, a Companhia inteira no santo altar sob a proteção da Santíssima Virgem e de poder reconhecê-la sempre como nossa única Mãe”*. A consagração foi feita. Ela se renovará todos os anos. É o costumeiro estabelecido e escrito por Maturina Guérin que testemunha isto: *“No começo de dezembro, a Superiora deve lembrar o Padre Diretor que o assunto ordinário da Conferência do oitavo dia deste mês, é a castidade. No 8º dia de dezembro no final da Conferência, antes da bênção do Diretor, a Superiora ou outra nomeada faz a leitura, em voz alta, do ato de consagração à Santíssima Virgem, e todas as Irmãs de joelhos, repetem em voz baixa depois dela as mesmas palavras com devoção, depois que a bênção tenha sido dada, cada uma retira-se”*.

O ato de consagração de Santa Luísa de 8 de dezembro, festa da Imaculada Conceição, faz parte da devoção da Filha da Caridade hoje. Maria Mãe da Igreja, Maria, Mãe da Companhia, é uma só; é preciso aprofundá-la sempre.

Maria “mediadora” suscita muitas intervenções durante a Congregação geral. Mère Guillemin os escutava atentamente. Em sua mente e em seu coração, tinha a resposta do céu a Catarina Labouré, Irmã do Seminário em 1830, rezando diante da relíquia de São Vicente na Capela. Ela não somente percebeu o símbolo do coração, ela recebeu palavras interiores: *“O coração de São Vicente está um pouco consolado porque ele obteve de Deus por intercessão da Santíssima Virgem, que em meio a estas grandes calamidades, as duas famílias não pereceriam e que Deus servir-se-ia delas para reanimar a fé”*.

Em conclusão destas recordações de família em relação direta com Maria, parece-me oportuno refletir novamente sobre esta devoção marial para situá-la justamente, a fim de que ela se abra sobre toda a grandeza do mistério que nos ajuda a compreender o desígnio de Deus.

A ATIVIDADE MISSIONÁRIA DA IGREJA

No dia 6 de agosto de 1964, a encíclica *Ecclesiam suam* de Paulo VI põe em relevo o conjunto dos problemas que marcam o mundo de hoje. Seu assunto, o encontro entre a Igreja e o mundo, não se fixa especialmente à atividade missionária, mas ao “Diálogo com a humanidade como tal”. Mère Guillemin lê o texto atentamente, fala deste e utiliza-o em suas palestras às Irmãs em Retiro ou em Sessão.

Sua participação como Auditora no Concílio reserva-lhe uma alegria profunda. Em 6 de novembro, na 116ª Congregação geral, o Santo Padre ansioso de assistir pelo menos uma vez a uma Congregação geral escolheu o esquema sobre **as missões**. Ele quis expressar sua afeição aos milhares de missionários, de religiosas e de leigos.

Um dos cronistas descreve esta sessão surpresa com muito tato e delicadeza:

“No dia 6 pela manhã, a basílica tinha um ar de festa. Às 9 horas, muitos aplausos ressoam na aula conciliar. Paulo VI sobe a nave a pé e praticamente sem cortejo. Ele senta-se em frente ao altar conciliar, no meio da nave entre os Padres. A Missa foi celebrada pelo Cardeal Tappouni, bispo de Adigrat em rito etíope. Os seminaristas etíopes que se encontravam na Cidade do Vaticano executam alguns cantos com melodias tipicamente africanas. No fim da Missa, o Papa toma seu lugar na mesa da presidência. Ele tem, à sua direita, o Cardeal Tisserant e, à sua esquerda, o Cardeal Tappouni. Depois da cerimônia de entronização do Evangelho, o Papa recita a oração do Adsumus, como se fosse uma sessão de trabalho normal. O secretário geral anuncia os resultados dos votos sobre o papel pastoral dos Bispos, depois o Papa pronuncia sua alocução:

“... Escolhemos a sessão deste dia, em que a discussão é sobre o esquema das Missões. Moveram-Nos a isso a gravidade e a grandeza do tema, a que dirigis o vosso espírito e a vossa atenção... para Nós, sucessores do bem-aventurado Pedro, e para vós, sucessores dos Apóstolos, ressoa hoje com urgência especial o mandamento divino: “Ide por todo o mundo, e pregai o Evangelho a todas as criaturas”. Do cumprimento dessa missão depende a salvação do mundo. Aparte estes meios, para uma mais dilatada e eficaz divulgação do Evangelho este sagrado Concílio forma o insigne propósito de que se criem novos caminhos, se projectem novos métodos e se estimulem novos e denodados esforços. Examinando este esquema, encontrámos muitas coisas que julgamos dignas do Nosso louvor, seja pelo conteúdo, seja pela força dos argumentos ou pela ordem de sua exposição. Por isso, somos de parecer que seria fácil que o esquema conseguisse a vossa aprovação, embora julgueis que deva ser aperfeiçoado em alguma parte”.

Paulo VI não pretendia restringir a liberdade que ele professa tão claramente dar ao Concílio.

Depois do discurso do presidente das Comissões das Missões, o Papa deixa a sala sob calorosos aplausos. O debate começou. Os Padres concordaram com o Papa sobre a importância do esquema, mas desejavam um reforço apesar das excelentes proposições na melhor linha do

aggiornamento. As críticas eram enérgicas. O número das pessoas inscritas foi extraordinariamente elevado. Todos aqueles que falaram representavam grupos consideráveis. A discussão era viva, vigorosa, alimentada de doutrina, de sugestões e mesmo de humor.

Um Bispo cita a Palavra de Cristo: *“Eu vim acender fogo sobre a terra e eu quero que ele queime. Nosso esquema não ilumina nada, é apenas uma pobre chama”*.

Em nome dos Bispos da África, o Cardeal Bea sublinha que a atividade missionária *“deve ser contada entre os deveres mais essenciais da Igreja. O Concílio não deve só estabelecer algumas normas jurídicas novas, mas dar um novo elã à atividade missionária, suscitar novas vocações missionárias, um novo fervor nesta atividade”*.

Mère Guillemin, depois da leitura da encíclica *Ecclesiam suam* ficou admirada por não encontrar alusão à atividade missionária. Uma resposta lhe é dada durante a discussão “Missão e pobreza” por Monsenhor Fulton Sheen, Bispo auxiliar de Nova Iorque: *“Por que Paulo VI usa tão raramente a palavra “missão” em sua encíclica Ecclesiam suam? Qual a palavra que ele usa em seu lugar? “Diálogo”. Ele usa esta palavra 77 vezes. Para ele, o diálogo é a manifestação do amor e da caridade de Cristo por todos os homens”*.

O ataque mais rude contra o texto foi trazido pelo Cardeal Frings. *“As missões, diz ele, são um assunto tão importante que não podemos nos prender às proposições submetidas ao Concílio. É necessário um esquema inteiro, prático e teológico ao mesmo tempo”*. O Cardeal especifica que ele fazia este pedido em nome dos Bispos missionários e dos Superiores de Institutos religiosos.

A situação era então delicada. Os Padres, por voto, rejeitaram o primeiro texto, para substituí-lo por um esquema, que deu ao mundo o decreto “Ad gentes”. **As Missões não são mais os pais pobres na Igreja, elas são o próprio coração da Igreja.**

Durante todas estas discussões de um alto nível teológico e pastoral, Mère Guillemin poderia estar à vontade. São Vicente estava presente. Os múltiplos “envios em missão” que ela tinha honrado com sua participação ou presidido durante seu generalato, soprava-lhe o futuro em relação ao vôo da obra missionária para responder a um mandamento solene de Cristo. Não tinha ela já instalado na Central das Obras um secretariado de Cooperação missionária para os leigos? A evangelização dos povos do mundo era bem a preocupação dos Padres Conciliares, mas Mère Guillemin pensava em São Vicente falando aos Padres e às Irmãs. *“Nossa vocação é de ir por toda a terra; e o que fazer? Abrasar o coração dos homens, fazer o que o Filho de Deus fez. Ele que veio trazer fogo à terra a fim de inflamá-la com seu amor”* (Coste XII, 262).

São Vicente, dialogando com as Filhas da Caridade sobre “o fim da Companhia” dizia: *“Foi Deus que vos entregou o cuidado dos Seus pobres, e deveis proceder nisso, no seu espírito, compadecendo-vos das suas misérias, e sentindo-as em vós mesmas tanto quanto possível. É assim que deveis proceder para serdes boas Filhas da Caridade, para ir para onde Deus quiser; se for para a África, para a África, para o exército, para as Índias, para onde vos pedirem, sois Filhas da Caridade, deveis ir para ali”*. (Conf. pág.546-547)

Todas as Filhas da Caridade ouviram estas palavras durante seu tempo de formação no Seminário. O Concílio falou, “é preciso ir lá” e, como São Vicente dizia ainda “lá, minhas filhas, lá”, Mère Guillemin continuará suas visitas “corporalmente e espiritualmente” para descobrir as necessidades em caridade vicentina, informar a Companhia e formar as enviadas de acordo com sua nova destinação.

“Laudate Dominum omnes gentes!”

ÚLTIMA SESSÃO DO CONCÍLIO

14 de setembro de 1965

*“Durante a audiência concedida neste dia,
Sua Santidade o Papa Paulo VI dignou-se decidir que
a 4ª sessão do 2º Concílio Ecumênico do Vaticano
começaria no dia 14 de setembro de 1965,
Na festa da Exaltação da Santa Cruz.
O Concílio terminar-se-á com esta sessão”.*

Vaticano, 4 de janeiro de 1965

Os organismos principais tinham se reunido para fazer os ajustes, pois os esquemas não estavam todos na mesma fase de elaboração. Entre os esquemas submetidos ao exame das emendas, encontra-se **a renovação e a adaptação da vida religiosa.**

Esta 4ª sessão do Concílio Ecumênico Vaticano será para Mère Guillemin fonte de profunda alegria com as diferentes celebrações das quais ela participará como verdadeira Filha de Deus e da Igreja. Primeiramente foi **a cerimônia solene de abertura** da 4ª sessão na Basílica de São Pedro, 14 de setembro de 1965. A Santa Missa foi concelebrada pelo Papa Paulo VI com 26 Padres conciliares que têm responsabilidades na direção dos trabalhos conciliares. Esta solenidade havia sido precedida por uma Exortação Apostólica de Sua Santidade Paulo VI “... *saber fielmente a hora de Deus que soa sobre a Igreja e o mundo... que dos cinco continentes se eleva um cântico de oração e de penitência*”. Depois deste desenvolvimento, o Papa convida para a tarde da festa da exaltação da Santa Cruz, dia de abertura da sessão: os Padres conciliares se reunirão conosco na procissão de penitência, cantando os louvores do Senhor... Pela mesma razão, na Capela paulina do Palácio do Vaticano, durante toda a 4ª sessão, o Santíssimo Sacramento ficará exposto... Nós queremos que dos cinco continentes se elevem um cântico de oração, que em cada paróquia, em cada Igreja do mundo católico se faça uma celebração de penitência... Olhamos também com uma confiança comovente as comunidades de homens e de mulheres que acolhem nossas palavras com uma prontidão e uma devoção oferecendo ao céu suas mais intensas súplicas.

28 DE OUTUBRO DE 1965

A sessão pública durante a qual são propostos ao voto definitivo dos Padres conciliares os textos já aprovados em Congregação geral, entre outros **a Renovação da vida religiosa**, é marcada pela Missa concelebrada pelo Santo Padre Paulo VI com 24 Padres conciliares escolhidos no seio das nações dos cinco continentes. A sessão solene foi fixada para o dia 28 de outubro, 7º aniversário da eleição de João XXIII ao soberano Pontificado, para honrar a memória do Papa que convocou o 2º Concílio Ecumênico do Vaticano e promulgou *Pacem in terris*.

7 DE DEZEMBRO DE 1965

Última sessão pública com voto e promulgação dos decretos sobre a liberdade religiosa, os Padres, as missões, a Igreja e o mundo de hoje. A leitura do Sumário pontifício sobre os acontecimentos de 1.054 acompanha a promulgação dos decretos. A declaração foi lida ao mesmo tempo ao Phanar pelo Secretário geral do Santo Sínodo do Patriarca de Constantinopla, em presença do patriarca Atenágoras e do Cardeal Shehan representante de Sua Santidade o Papa Paulo VI.

A elevação dos anátemas entre Roma e Constantinopla foi promulgado num texto chamado Declaração comum de Sua Santidade Paulo VI e de Sua Santidade o Patriarca Atenágoras e lido

em francês pelo Cardeal Willebrands, secretário do Secretariado para a união dos cristãos, durante a sessão do Concílio.

O jornal *La Croix* publica no dia 9 de dezembro: “*Quando Monsenhor Willebrands ganhou o ambão para ler em francês a Declaração comum da Igreja Católica romana e da Igreja ortodoxa de Constantinopla, houve uma verdadeira tempestade de aplausos. Toda palavra é impotente para comentar a grande hora do que então se tornou realidade. A reconciliação de Roma e de Constantinopla foi marcada ao termo da liturgia pelo abraço de paz*”. O cronista acrescenta: “*Quando o metropolitano Meliton desceu do altar da Confissão para recuperar seu lugar, ele foi tão vivamente e longamente aplaudido por toda a multidão que o Papa parou alguns momentos antes de prosseguir a cerimônia*”.

Começa, pois, uma cerimônia penitencial que é de tradição na Igreja para o encerramento dos Concílios, após a promulgação dos últimos decretos aprovados pelos Padres. Cada um pede perdão a Deus pelas faltas de caridade que cometeram durante as discussões. Depois da oração silenciosa de todos os Padres ajoelhados, o Santo Padre expressa a súplica da Assembléia com um venerável texto do século VII. Todos então rezam com ele o Pai-nosso depois da bênção e do desejo de paz, os Padres se dão o abraço da paz e a cerimônia termina com o canto do *Te Deum* que é a expressão tradicional da ação de graças na Igreja.

“*É bom estarmos aqui*” (Mt 17,4) dizia Mère Guillemin depois de São Pedro. Estas três cerimônias solenes marcaram profundamente “*a hora de Deus que soa sobre a Igreja e o mundo... que ecoe um coro de oração e de penitência dos cinco continentes...*”. É esta atmosfera que ela acaba de viver com uma imensa gratidão, como uma bondade inapreciável para ela mesma e a grande Comunidade que Deus lhe confiou por este voto de Pentecostes de 1962. Desde o seu retorno, a passagem do Senhor no acontecimento, seu amor à Igreja, lhe faz expressar Deus sem discurso, simplesmente porque ela vive n’Ele. Tudo fala de Deus, traz Deus, une a Deus escrevia o Padre Lebret. Estas três celebrações reanimaram nela esta tríplice chama: fé, esperança, caridade, para vivê-la e comunicá-la.

O aggiornamento que ela prepara para as Filhas da Caridade será nesta linha, tendo por base a pura doutrina dos Santos Fundadores na imitação de Cristo de acordo com o ensinamento do Concílio. “O fim principal para o qual Deus chamou e reuniu as Filhas da Caridade é honrar Nosso Senhor Jesus Cristo como a fonte e o modelo de toda caridade, servindo-o corporal e espiritualmente na pessoa dos pobres... (Regras comuns, capítulo 1).

ADAPTAÇÃO E RENOVAÇÃO DA VIDA RELIGIOSA

O Papa João XXIII tinha constituído dez Comissões conciliares das quais, uma para a vida religiosa “*De religiosis*”. A história e o desenvolvimento foram amplamente publicados nas conferências públicas que os comentaram; a imprensa diária não se privou de retrair a gênese e a evolução dos textos.

As religiosas auditoras, durante a sessão de 1964, tinham formulado, elas também, suas aspirações numa nota entregue a alguns membros da Comissão: (da qual elas não faziam parte): “*A vida religiosa não estabelece sua razão de ser em uma função, fosse ela da mais alta caridade. Ela só se justificará por sua própria essência, isto é, sua relação com Deus... A evolução social, científica, técnica que modifica profundamente o mundo e o trabalho que a Igreja realiza sobre ela mesma, começo das posições tradicionais da vida religiosa. Ela a força a se purificar das motivações secundárias e a se liberar de todo um clima de monopólios e de privilégios, vindo falsificar a nota que ela deve dar na Igreja e no mundo; é então necessário que o decreto, por mais breve que seja se enraíze numa perspectiva teológica*”.

O juridismo é ultrapassado por uma visão mais espiritual. Quais foram as grandes leis da renovação da vida religiosa? Houve desde início uma noção de vocabulário. O presidente da Comissão se sentiu obrigado a especificá-la: “Quando falamos de vida religiosa e de religiosos, nós escutamos falar de todos aqueles que buscam a perfeição pela profissão dos conselhos evangélicos. A fim de evitar o perigo de confusão entre os Religiosos no sentido estrito, as Sociedades de vida comum e os Institutos seculares, inseriu-se na introdução a expressão **“salvaguardando sua própria natureza”**. Portanto, precisará encontrar a definição comum na qual todas as formas de vida consagrada ao serviço do Senhor se sentirão à vontade. A renovação adaptada da vida religiosa incluirá um retorno incessante às fontes de toda a vida cristã e à inspiração original dos Institutos, ao mesmo tempo que uma adaptação destes às novas condições do tempo. Trata-se de uma renovação profunda das **Instituições religiosas**, de sua reforma pelo retorno ao **Evangelho e a escuta dos apelos de hoje**. Por isso, com autoridade, o documento conciliar especifica que *“as Constituições, os Diretórios, os Costumeiros, os livros de oração, os Cerimoniais e todas as obras do mesmo tipo sejam adequadamente revisadas e, uma vez suprimidas suas antigas prescrições sejam prestadas em conformidade com os documentos do Concílio”*.

A regra suprema da renovação espiritual e religiosa e sua adaptação às condições atuais de vida é o Evangelho e o seguimento de Cristo sob a orientação da Igreja. O presidente da Comissão o afirma: **“A norma primeira, é que esta renovação se faça de acordo com o Evangelho, a imitação de Cristo e o espírito do Fundador sob a conduta e a autoridade da Igreja”**.

Um segundo princípio de renovação tirado das intervenções dos Padres: o retorno à intuição do Fundador, ao seu espírito, ao patrimônio do Instituto. Um Padre tinha proposto sobre este princípio: “prender-se mais à intenção e ao espírito dos Fundadores do que às formas históricas nas quais este se expressou”.

Mère Guillemin não temia dar uma opinião pessoal sobre o esquema que ia ser proposto ao exame do Concílio como o destaca um relatório relativo em *Perfectae caritatis* votado na última sessão:

“Mère Guillemin explicou os aspectos positivos deste texto e indicou igualmente os insuficientes:

Aspectos positivos: o lugar que é dado ao dom de Cristo na vida religiosa: viver para Cristo é a única justificação desta loucura que é aos olhos do mundo, a vida religiosa. Em nosso tempo onde se busca a eficácia concreta e onde se manifesta a promoção dos leigos, pode-se perguntar: precisa-se ainda de religiosas? O esquema dá a resposta verdadeira: nenhum papel, nenhuma função poderá explicar o dom total da consagração religiosa. Não de doa sua vida por algo, doa-se sua vida por alguém. Outro aspecto positivo: o esquema integra a ação apostólica na vida religiosa para os Institutos de vida ativa.

Mas este texto, caso contrário, é ainda muito tímido: isto não faz toda a luz sobre a dualidade ação-contemplação, mas a chave é dada: a ação está na própria natureza da vida religiosa. A ação alimenta a contemplação e a contemplação penetra a ação.

Mère Guillemin alegra-se também de ver que o esquema insiste sobre o fato de que a renovação da vida religiosa não se faz somente pelos Superiores, mas que ela é uma obra comum. Por outro lado, este texto lhe parece muito marcado de juridismo quando se trata de conselhos práticos: o sopro da primeira parte não parece animar a segunda. A perfeição religiosa parece ainda muito fechada sobre si mesma e pouco aberta às medidas eclesiais. É verdade que este texto deve aplicar-se a tantos países e a tantas formas de vida religiosa... Ela, no entanto, constata que este esquema “abre novas avenidas. É toda a maneira de viver que é colocada em causa e, num sorriso, ela conclui: há neste texto como fazer uma dezena de Congresso de Superiores gerais...”

A base do texto não é nova, há 10 anos que Mère Guillemin medita sobre o aggiornamento da Comunidade. Ela falava deste com outros termos, mas vivia o que ela propunha às Irmãs.

“É na rocha do Evangelho e de nossa tradição que devemos construir a Companhia do século XX e suscitar uma geração de Filhas da Caridade segundo o coração de Deus e de São Vicente, disposta a responder o chamado de Cristo nos seus pobres” (maio de 1965 às Visitadoras).

(continua)

Irmã Claire HERRMANN
Serviço dos Arquivos

AS 16 DECISÕES DO CONCÍLIO

1	CONSTITUIÇÕES	A Sagrada Liturgia	1963
2	DECRETO	Os meios de comunicação	
3	CONSTITUIÇÃO	« Sobre a Igreja »	1964
4	DECRETO	O ecumenismo	
5	DECRETO	As Igrejas orientais católicas	
6	DECRETO	O múnus pastoral dos Bispos	
7	DECRETO	Renovação adaptada da vida religiosa	28
8	DECRETO	A formação sacerdotal	out.
9	DECLARAÇÃO	A educação cristã	1965
10	DECLARAÇÃO	Relações da Igreja com as religiões não cristãs	
11	CONSTITUIÇÃO	A revelação divina	18
12	DECRETO	O apostolado dos leigos	nov. 1965
13	DECLARAÇÃO	A liberdade religiosa	7
14	DECRETO	A atividade missionária da Igreja	dez.
15	DECRETO	O ministério e a vida dos Sacerdotes	1965
16	CONSTITUIÇÃO	A Igreja no mundo atual	